A maior maravilha do seculo!!

PHONO-POSTAES

Cada machina completa para fallar e reproduzir 7$500 reis.
Bilhetes para a dita 50 réis cada.

J. Santos Rocha

Lisboa — 98, Rua do Arsenal, 98 — Lisboa

Bicyclettes

A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo sortimento de bicyclettes e accessorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «B. S. A.» e Linon. Recebeu-se nova remessa da nova marca de bicyclettes «Imperial», ultimamente adquirida por esta casa e que tão lisongeiro acolhimento tem tido devido não só á sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accessorios como bem esmaltada e de quadro tracejado que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores inglezes, buzinas, lanternas, correntes, etc., etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1606-1907. Descontos para revender. **J. Castello Branco**, rua do Soccorro, 48, e rua de Santo Antão, 32 e 34—Lisboa.

Instrumentos de corda

Guitarras, bandolins, violas e accessorios para os mesmos, envia catalogos gratis para fora. AUGUSTO VIEIRA, R. de Santo Antão 4.—Lisboa.

Union Maritime e Mannheim

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y El Fenix Español, R. da Prata, 59, 1.°, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivé o seguro denominado «Popular» para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa

Lima Mayer & C.ª

RUA DA PRATA 59 1.°

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar) Penedo e Casal d'Hermio (Louzã) Valle Maior (Albergaria a Velha.)
Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.
Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho.
Toma e executa promptamente encommendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórma

ESCRIPTORIOS E DEPOSITOS:

Lisboa — 270, Rua da Princeza, 276
Porto — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO
PRADO—PORTO—Lisboa: Numero telephonico 508

Grandes armazens de moveis de ferro e colchoaria de

José A. de C. Godinho

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

Grande variedade em pannos de algodão e linho recebidos directamente de Paris, do Comptoir de l'Industrie Linière.

O melhor relogio em ouro, prata e aço

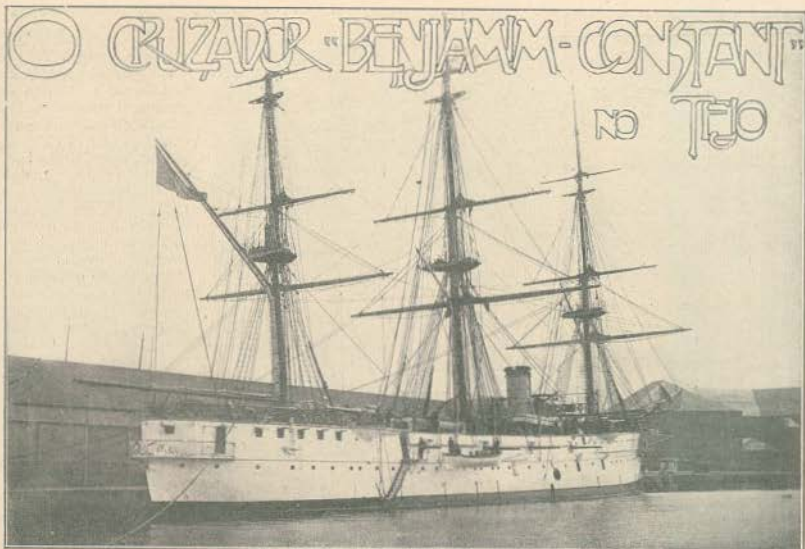
O unico que em dois annos conseguiu impôr-se a todas as outras marcas

Á VENDA EM TODAS AS RELOJOARIAS E OURIVESARIAS DO PAIZ

NOVO DIAMANTE AMERICANO

RUA DE SANTA JUSTA, 96 — JUNTO AO ELEVADOR

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anneis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.

O CRUZADOR "BENJAMIM-CONSTANT" NO TEJO

A VIAGEM D'UM CORAÇÃO

No Brasil, em pleno Tejo, a ouvir a falla suave d'um moço paulista, falla precisa de fórma, d'expansão singela, calma, cantada, com as mais duras consoantes attenuadas.

E essa falla amolentada n'uma ternura creoula, nada tem de ridicula, na bocca de labios finos que um buço começa apenas a sombrear, d'esse adolescente cheio do civismo, cheio de coração... cheio de mocidade.

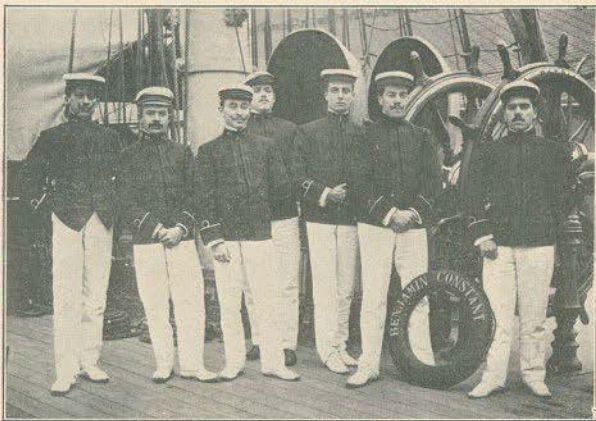
Porque é, sobretudo essa mocidade que assim faz fallar o coração.

E o que ella me confessa dos 180 dias que passaram! E o que ella me não confessa!

Entre o toldo chapeado de sol e os amarellos faiscantes da pequena ponte do *Benjamin Constant*, eu espreito o mosaico radiante de Lisboa, mindamento feito com a encrustação dos predios multicores na dureza pedregosa dos cortes rectos, sobre o friso irregular e ondeado das suas collinas. O ceu é d'um azul desmaido e sedoso. O rio, sem vento que o roce, tem a planura oleosa das grandes calmarias. Reflecte todas as côres do seu verde azulado e a todas desbota e corta de grandes fachas brancas.

Capitão de fragata Carlos Pereira de Lima, commandante do cruzador *Benjamin Constant*.

Na tolda, em baixo, em faina de coser panno, marinheiros negros acocoram-se sobre tiras de lona, e o sol dardejante aviva-lhes a manchasita rubra do *ponpon* do bonet. Um grito ou outro de mando secco e curto. Algum escaler que aborda o navio, o bater da coronha da espingarda da sentinella do portaló e eis, da intensa vida que n'aquelle pedaço do Brazil referve, o que nos enquadra a conversa, que corre lenta como aquelle rio, e como elle imperceptivelmente corre.

Do Rio á Bahia; da Bahia ás Palmas, S. Vicente, S. Miguel...

Um grupo de 2.os tenentes em viagem de instrucção

rança, em que a Vida as põe, com ou sem louro, consoante a cozinha da mamã, e precisamente á espera da garfada cupidinea que de lá as transportará á desillusão!

De toda a viagem actual do *Benjamin Constant* só perto a S. Miguel foi mais alteroso o mar, e só em S. Miguel o coração mais alteroso esteve...

Tem d'isso o marinheiro, quando esse marinheiro póde enfeitar com galões d'ouro os seus vinte annos. Tormentas do coração que a mudança de porto e dias de viagem transformam em bonanças. Mau é o ter que fazer-se de capa. Corrido é o melhor, com vento certo e rijo. E a bonança vem... e a bonança virá... ainda que mais não

Em S. Miguel... «Mas qui distinctas são as moças d'ali!...»

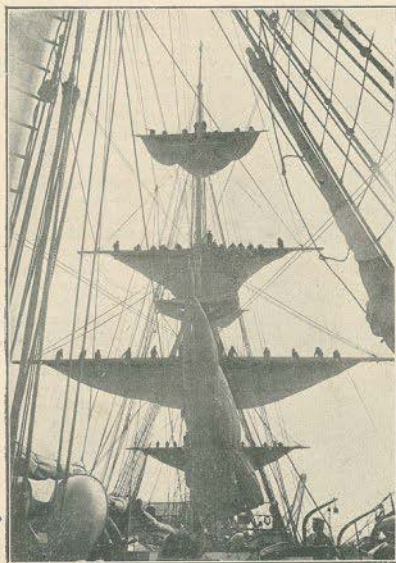
E o primeiro enlevo lhe lembra, do encontro fóra das suas xacaras, de soberbas raparigas de carnação sádia e rubra, conversa meiga, o olhar franco... espelho d'almas—no escabeche da Espe-

seja com o nome de Maria... porque com muitas Marias da Bonança teem casado muitos marinheiros.

Um exercicio de panno

No coração da Europa depois... um desastre... uma aventura... um sonho... um devaneio.

Na ponte

Passado Plymouth... com a sua classica digressão a Londres, perto de Douvres um camarada, um 2.º tenente, passa o tempo atirando ao alvo fluctuante com uma pistola automatica; suppõe-lhe as munições gastas na continuidade nervosa dos tiros e quando a volta, desprevenido, ainda um cartucho faz explosão e um projectil lhe trespassa o pescoço! Arriba-se. O ferido é transportado a terra. A correcção ingleza, na conducção e assistencia ao infeliz, é nobremente notavel. E depois de melhoras cheias de esperança, n'um hospital branco, o companheiro morre.

O olhar do meu amigo vela-se d'uma tristeza simples e eu vejo n'elle toda a nostalgia que só conhece a creatura a quem a vida especial do mar obriga por mezes e por annos, contados e impóstos, a deixar a paizagem em que cresceu, os labios que o beijaram, os braços que o acalentaram. No olhar do meu amigo eu surprehendo por segundos o empanar da vista d'esse morto a agonisar no seu escarolado e estreito leito inglez, e a vêr, a vêr pela ultima vez grimpas de cachoeiras, e as tepidas sombras das plantas macissas e perfumadas do seu lindo Brasil... «Pobre moço!»

A sr.ª ministra do Brazil e a esposa do sr. presidente do conselho no portaló do «Benjamin Constant» — (Cliché Benoliel)

Continúa o *Benjamin Constant* sua derrota. E logo vem a magia d'effeitos do Norte, d'esse desconhecido Norte, onde a alma é extranha e vibra n'uma vibração diferente da do Sul. Differente! Supponha-se que são dissonancias para nós, as melhores consonancias que os seus ouvidos apreciem. Mas n'esse Norte a surpreza é suave e o mysterio sem busquices.

A noite de hora e meia de Christiania foi conquistada pouco a pouco na derrota progressiva do navio, de modo que, o crepusculo curto que era na epoca em que lá chegaram, a noite official das 24 horas astronomicas, não teve decerto a surpreza empolgante que faria endoidecer um enjoado dorminhoco, que fôsse, da nossa tenebrosa noite de 12 longas horas, para essa luarenta noite de cêrca de uma hora.

A contrastar com a tristeza de Christiania o encanto sueco de Stockolmo. Stockolmo é a grande aguarella.

A belleza fina das suas lindas ilhas que uma teia de pontes emmaranha e o esplendor dos seus edificios é de nunca esquecer. Como paizagem lembra-lhe na estreiteza dos canaes fundos o Espirito Santo da sua patria onde se navega... «*encostadinhos á terra!*» Como gentileza de habitantes... inexcedivel... E como cabellos de ouro de mulher... é o ouro mais lindo que tem visto!

Subitamente, o meu amigo tem rutilancias banalmente fulvas no olhar. A segunda surpreza da sua viagem. Aponta-me o tombadilho do navio... e diz-me: «Ali — e marca o sitio, com a mão aberta em gesto de quem vae recitar uns versos seus — ali... tres moças lindas, depois de lhes mostrarmos todo o navio, eu e dois camaradas, e só com a intimidade do passeio restricto pela praça d'armas, pela casa das machinas, pelo camarote do commandante e... pelo jardim... ali... tres d'essas moças de cabellos d'ouro acabaram por nos acarinhar (e dizia n'um deliquio de voz *acarinhar*) com singular desplante. Mas tres moças, Senhor meu Deus, com suas familias em terra. Gente seriissima! Para terra fomos depois com ellas. Queriam mostrar-nos, diziam em francez, o seu navio... E o que pintaram essas moças!»

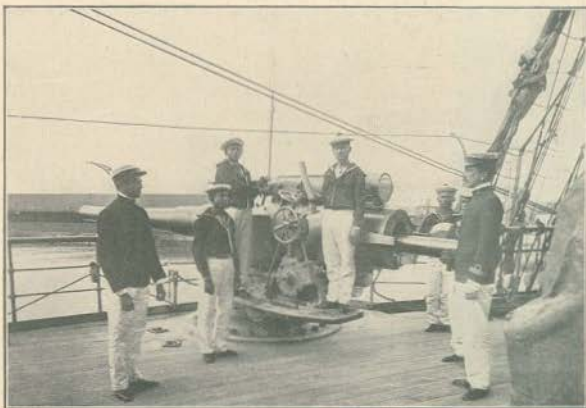
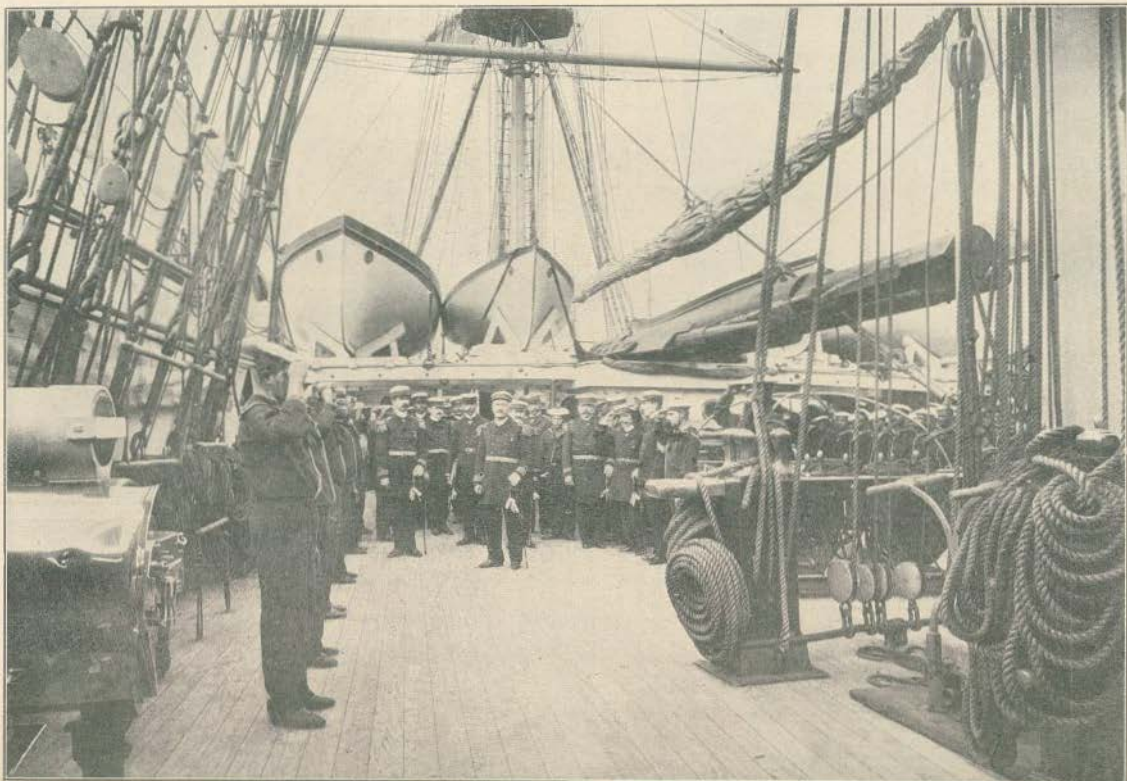
— Mas o que pintaram ellas?...

— Tudo!

Vem depois d'esta expressão, algum tanto de giria, a descripção do grande *flirt*, o *flirt* consentido, o *flirt* com licença... e com *licença*, por não haver já duvida alguma, para nós meridionaes, que n'isso felizmente descamba o *flirt*, que não seja *flirt* de esvaidos.

Uma metralhadora

Do norte para o sul, de Christiania até ao Havre, com toda a escala por Stockolmo, Copenhague, a enfiadella pelo canal de Kiel, a ida a Berlim, sempre em terra o beijo imperou descarado e evidente como um gesto de adeus, um tirar de chapéo, um raspar na pelle comichosa. Beijava-se, como se accendia um cigarro; o caso era dispôr-se d'um pedaço de pelle tepida e condescendente. Portanto, deduzia criteriosamente «... esse *flirt* foi primitivamente uma velhacaria e um pretexto e é hoje mui crapulosamente um pretexo sem velhacaria!»

«Essas suecas, essas dinamarquezas, essas berlinezas — Senhor, meu Deus! — para lá de cincoenta e tantos graus de latitude acima do Equador teem

Um exercicio com canhão Armstrong de 15 centimetros

A mostra geral

Na faina de coser panno

um temperamento muito nosso... e tão nosso... que o d'essas lindas suecas foi-nos pavorosamente pertencendo...

A mão aberta e o mesmo sitio apontado:— ali... ali...

—Ali foi, pois, o começo do drama—atalhei eu—e o fim?

—O fim foi que, ás horas habituaes de recolher, nós levámos esses cabellos d'ouro ao seu estojo proprio... a uma e uma... a casa de suas familias... *sagement!*

—*Flirt*... sem gravidade... sem coisas graves... —rosnei velhacamente.

—Com alguma gravidade... mesmo com todas as coisas graves...—e sorriu—como todos os *flirts!*... Mas saudosamente e com muitos beijos tristes... lá as deixámos no remanso reconstituinte do lar...

Mas antes e depois d'esses ricos cabellos d'ouro já outros d'um ouro mais falso se tinham começado a enlear e se iriam vincadamente entretecer n'esses vinte annos de sonhador que a aza aspera da decepção, nem sequer de leve escoriára.

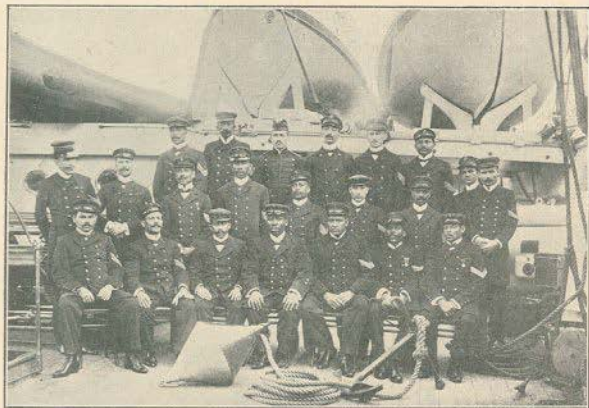
Antuerpia, Amsterdam, Havre.

No convez

D'esses tres pontos, com a mesma intenção, o mesmo fito, o mesmo desejo, a mesma imagem em mira, uma licença de dias no passivo do serviço, lá foi essa mocidade que agora me falla, encontrar uma belga de Verviers, a mais perfeita creatura que um sensual pode desejar e que nunca o seu coração trasbordante de meiguice poude aquecer e fazer chammejar de amizade sincera... O primeiro encontro foi em Antuerpia... na primeira sortida que faz de bordo. E logo viu que era como o esbelto corpo d'essa belga, perfeito e completo, o impeto com que a beijou.

Isto ia contando o meu amigo, emquanto um marinheiro negro lhe chegava o morrão ao fino cigarro que metteu perturbado na bocca.

—Veja a dentadura d'esse marinheiro... perfeita dentadura... linda dentadura... assim era a dentadura d'ella. Veja a pelle macia d'esse marinheiro... macia e negra, das mais negras que aqui encontrará... assim era a alma d'essa Beth.

O commandante e um grupo de officiaes

Os officiaes inferiores do navio

Apagára-se-lhe o cigarro e aquella phrase n'um correcto francez, um francez bem europeu, sem o sutaque paulista, foi recitada como phrase lapidar que d'ora ávante resaltaria, á primeira investida do seu olhar, em todos os pedestaes de Venus e Aphrodite.

Cherbourg, Ferrol, Lisboa.

De França dá-me uma impressão ligeira; uma impressão piruetada, como uma perna de cancanista tisica em passo fatigado. «Em Paris dança-se muito o *cake-walk* mas não ha *cake* nem *walk*, nem mesmo *cake-walk*, o assucar não adoça, o alimento não alimenta... como em Berlim; as velhas são creanças, as creanças são velhas; a moça é devassa e parece immaculada; teem as parisienses attingiveis, espirito no trapo que as veste, e trapos no espirito que exhibem!»

E de Hespanha, pelo Ferrol nada pode saber... a mais do que sabia já no Rio, para onde a Hespanha exporta, como para Lisboa, em escala grande, e remessas constantes, os gatunos que roubam, com pés de cabra, as ourivesarias, e as gatunas que roubam com patas de gata... os freguezes das ourivesarias!

Mas nunca vira que ella lhe tivesse amor. Nunca. Sempre lhe percebera o logro, e acceitára sempre o logro. E tres vezes ella o chamara com todos os *mille baisers* que uma belga póde mandar d'arauto, e tres vezes elle accorreu ao logro, sabendo que era ao logro que accorria, mas indo ao logro cheio de desejo e ancia.

Cêrca de cincoenta dias fica o *Benjamin* no Havre na substituição forçada dos tubos das caldeiras. O Havre é para os marinheiros Paris. E é de Paris, do excessivo prazer de Paris, é d'esse Paris onde se é «*entrainé malgré soi*», é d'ahi, que o ultimo appello vem da belga de Verviers e onde, o expresso de Paris-Berlim-S. Petersburgo, o leva, na sua febril velocidade e na commodidade fofa das suas almofadas, ao primeiro estadio infernal do coração: a primeira desillusão estupida!

Á proa

O logro conhecia elle, mas o logro aceado e necessario. Não sabia que de longe se accenasse com a sinceridade d'um desejo... para chegar a Liège, essa Liège verdejante e fumarenta (n'uma noite de inferno em que as linguas de chammas dos altos fornos lambiam o céu baixo e uma chuva miuda lhe fustigava a cara quente e amollecia mais e mais o barro das ruas por onde caminhava) e lá chegar para ouvir da linda belga esta sentença:

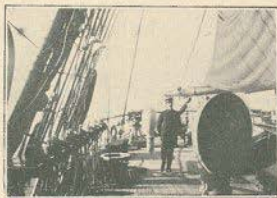
— Mon petit vieux... quel dommage!... Je ne t'attendais pas... alors... tu sais... aprés demain j'y suis!...

Descemos da ponte.

Uma refrega branda estampa no horisonte da barra, agora côr de rosa, o lindo jack azul, cruzado de estrellas brancas.

E ao descer aponta-me a divisa patriotica, com esse santo orgulho que ainda nenhum dissabor official envenenou: *Tudo pela patria* — e accrescenta:

— É como deve ser... É uma divisa universal!

Minutos depois, feita a visita á camara do commandante (na riqueza dos seus coxins vermelhos e onde pousa ao fundo uma grande bandeira brasileira, presente belga e onde mãos belgas bordaram as palavras *Ordem* e *Progresso*) visto o *jardim*: varanda á pôpa deitando para o mar... jardim está bem de vêr com seu enorme lago... onde por vezes baleias navegam, abancamos na praça d'armas.

No tombadilho

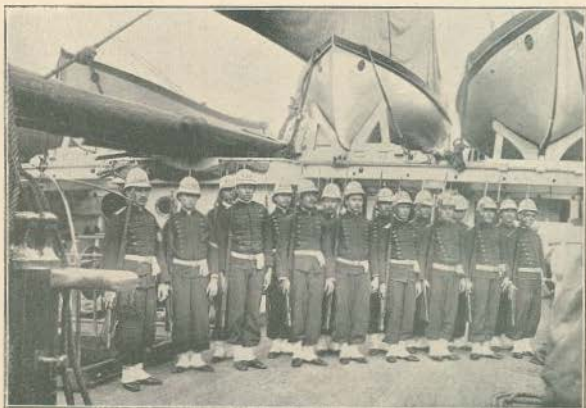
Fala-se da *matinée* do dia seguinte. Ouve-se em cima o ensaio da banda, na cadencia saltitante tão caracteristica das bandas americanas.

— Será,

a *matinée* do ámanhã, um delirio. Já sabemos quem temos, afóra surprezas... que são sempre surprezas. Mas, meu querido amigo, no mar, ao folhear os albuns dos bilhetes postaes, não suppõe que saudades nos empolgam. O serviço, a faina, é lenitivo grande sobretudo se o mar encrespa e ha mais que cuidar do quarto e calculos. É vida d'aventura que se deve correr com o coração blindado! A revoada de moças que ámanhã perfumará em cima o convez, deve tomar-se como esse bando de gaivotas que ahi cascalha á pôpa. Vêr-se-lhe o aspecto, a parte decorativa, e com isso satisfazer o coração... Se o sonho entra comnosco...— folheia um maço de bilhetes postaes — leia...

A guarda naval

E leio n'um soberbo bilhete onde dois olhos lindos parecem fitar-me o fitar tudo: *mes plus gros baisiers.*—E essa lettra miudinha traça e brinca sobre o desenho crespo d'uns cabellos claros que devem ser louros no modelo...

— Se o são! São os taes cabellos d'ouro da moça sueca! E emquanto eu caminho para o sul mais para o sul, lá me fica aquelle encanto mais leal... metralhando-me.... a bilhetes postaes... É este comtudo o unico que tem o seu retrato... Da belga de Verviers não lhe mostro a imagem... porque a rasguei... mas era bem mais linda do que esta...

—*Mon petit vieux... après demain j'y suis!*

A amargura sem desconsolo d'esse mancebo, era amargura facilmente soluvel n'uma edade em que a esperança renasce até do lodo, quanto mais d'um remesso da perversidade... Da perversidade, que é afinal na vida o que mais faz soffrer e o que mais faz gosar!

Um escaler chega, quando eu saio no ultimo abraço ao meu amigo. Dois perfis finos, trigueiros, onde scintillam olhos fundos e eguaes, surdem de dois chapeus luxuosamente emplumados.

— Visitas. Conheço?... «Conheço são minhas patricias». Recebe-as com o official de serviço ao portaló, a sentinella de farda vermelha, o bonet inglez pendido ao lado, todo se perfila áquella passagem de gente da sua patria. São lindas as duas trigueiras, com uma maciesa de pennugem d'ave na pelle mate, e o olhar, a languidez do olhar, sem descripção possivel, n'uma quebreira doce.

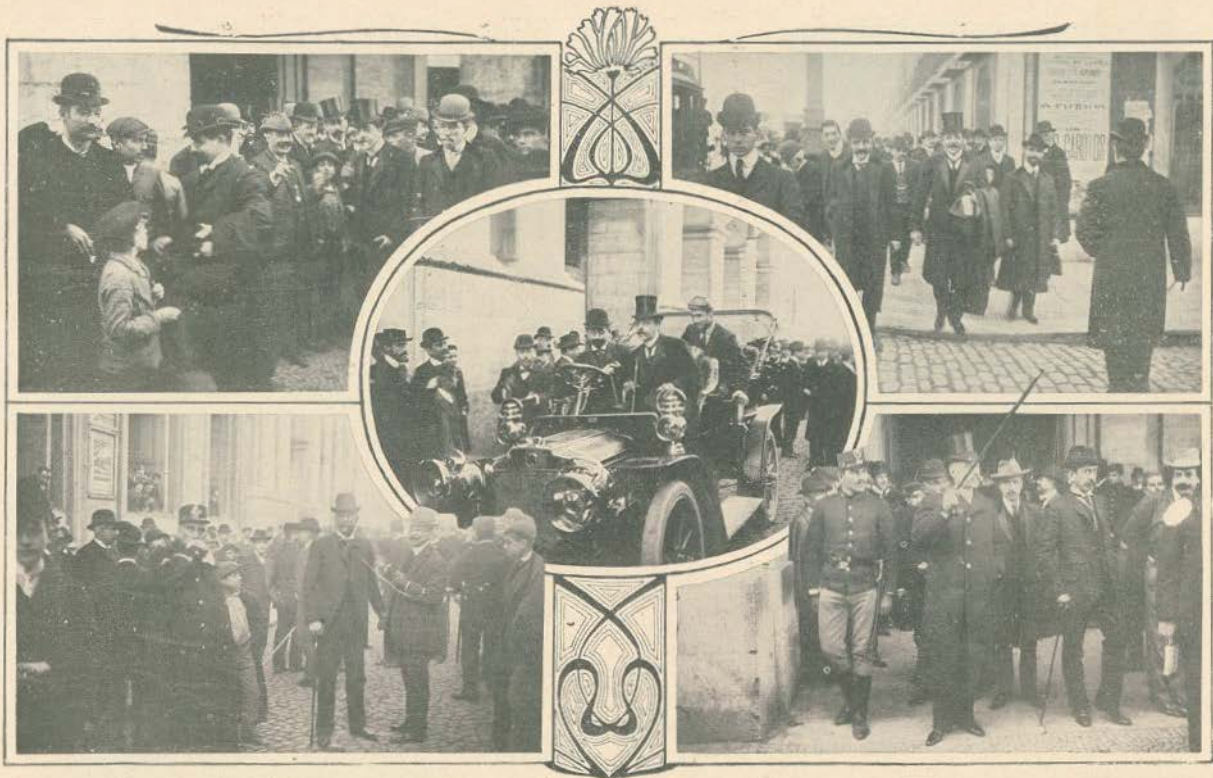
— Magnificas... deixo-o bem entregue...

— Oh! meu querido amigo—retorque—bote o seu chapeu... escuso de lhe lembrar que partimos depois d'ámanhã.

E... a rir:

—*Mon petit vieux... après demain j'y suis!*

A. F.

A escola regimental a bordo

Os deputados republicanos drs. Affonso Costa e Alexandre Braga, chegando ao ministerio do Reino—O deputado republicano dr. Alexandre Braga dirigindo-se para o ministerio do Reino, onde vae depôr perante a commissão parlamentar de disciplina—A sahida dos deputados republicanos depois do seu depoimento perante a commissão de disciplina—O apparato policial na Arcada durante a reunião da commissão parlamentar de disciplina—O sr. conselheiro Hintze Ribeiro chamando a sua carruagem, á sahida do ministerio do Reino, onde conferenciou com o sr. presidente do conselho

(Clichés de Benoliel)

O melro, eu conhecia-o...

Era negro, vibrante, luzidio
Madrugador jovial

O melro d'entre a porta
Dizia-lhe: «Bons dias!»

E o velho padre cura
Não gostava d'aquellas cortezias

Qual seria a razão
Porque Deus fez os melros e os pardaes?

Nunca exigiu augmento de salario

E ao vêl-os exclamou enfurecido

Fungando uma pitada

Guisados com arroz...

... são excellentes

Chegou lá e viu tudo,

Indo encontrar os filhos na prisão

Clamou:
«Senhor! Senhor!»

Covardes!

Bem como outr'ora a mãe do Nazareno
Na noite do Calvario

(PHOTOGRAPHIAS DE ARNALDO DA FONSECA)

Mosteiro de S. Salvador de Grijó

Padrão velho perto do muro da quinta do mosteiro e no logar onde veiu morrer, no dia 2 de julho de 1245, D. Rodrigo Sanches, victima dos ferimentos que recebeu n'uma «briga» que teve com Martim Gil de Soverosa, não longe do Porto

No logar do Curral, da freguezia de Grijó, concelho de Gaya, se levanta o magestoso mosteiro de S. Salvador de Grijó.

Daria o mosteiro ao logar esta denominação de Curral, como deu a sua primitiva egreja á freguezia o nome de Grijó?

Se, como se lê no *Diccionario portatil das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: resumido, correcto e addicionado pelo mesmo auctor do Elucidario, a beneficio da litteratura portugueza*, a palavra «Curral» significava «casa ou residencia honrada com todas as peças e quartos precisos e necessarios», parece-me que este mosteiro, sendo uma residencia «honrada», daria ao logar, em que está edificado, o nome de Curral.

O da freguezia deriva da fundação de uma pequena egreja que edificaram dois irmãos — Guterres Soares e Ausindo Soares — em honra do Salvador do Mundo, e que, por ser pequena, se chamou, em latim, *Ecclesiola*, e, em portuguez, *Igrejó* ou *Igrijó*, e agora, com pequena corruptela, Grijó.

A estes dois sacerdotes logo se juntaram mais, e, para viver em commum, edificaram junto da pequena egreja um mosteiro, que no anno de 922 já estava concluido.

Foi seu primeiro prelado, com o titulo de abbade, Guterres Soares, como consta de uma doação, datada do mez de junho de 922 feita por elle e seu irmão Ausindo, a seus companheiros, de umas herdades que possuiam na freguezia de Perosinho.

No dia 3 de novembro de 1093 veiu o bispo de Coimbra, D. Cresconio (n'esse tempo a jurisdicção do bispo de Coimbra chegava até á margem esquerda do Douro), a Grijó, sagrar uma nova egreja que á sua custa fez Soeiro Fromarigues, sobrinho dos dois fundadores do mosteiro, havendo n'essa occasião uma grande solemnidade a que assistiram muitas pessoas da mais alta fidalguia, das povoações visinhas, entre ellas o alcaide do castello da Feira e o abbade Godinho do mosteiro, por tantos titulos notavel, que na freguezia de Pedroso existiu.

Entrada para o terreiro senhorial do mosteiro de Grijó

N'esse dia Soeiro Fromarigues ratificou, publicamente, uma doação de grandiosos legados ao mosteiro.

N'essa doação diz: *Yterum facio istam chamtam testamenti omnipotenti Deo Salvatori nostro in præsentia Episcopi supradicti Domini Cresconii de omni mea parte supradicto Ecclesiæ cum omnibus beneficiis, quo in isto testamento resonant, ut habeant et possideant ea omnes clerici, qui in ea per sanctitatem vixerint, secundum jussionem sanctorum Canonum, etc.*

Segundo se lê na *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho, de D. Fr. Nicolau de Santa Maria*, este Soeiro Fromarigues morreu, diante de Santa-

rem, pelejando contra os mouros, valorosamente.

Viviam estes religiosos segundo a regra de Santo Agostinho.

Se fosse facil ir rebuscar todos os documentos que, desde esta data em diante, se referem ao mosteiro, taes como *Cartularios do Mosteiro de Grijó, Egrejas do Isento de Grijó, Jurisdicção secular e privilegios dos Reis, Jurisdicção ecclesiastica e privilegios dos pontifices, Livro Preto de Grijó, Egrejas do padroado de Grijó, Baio Ferrado de Grijó,* que estão na Torre do Tombo, e muitos outros, e d'elles transcrever passagens e factos importantes, poder-se-hia fazer um livro.

Por agora limitar-nos-hemos a pequenas notas.

◉

Elvira Nunes Aurea e seus nove filhos, todos viuvos, fizeram ao mosteiro, a 7 de junho de 1112, uma importante doação.

Um chronista, referindo-se a esta senhora, diz: «Emtanto que bem lhe cabia o nome de *Dourada*, porque se do ouro é o enriquecer aos outros, o mesmo teve esta senhora que foi o querer deixar tão rico este mosteiro que não tivesse necessidade de pedir a outrem nada.»

Possue o mosteiro jurisdicção ecclesiastica e civil, tendo dado esta logar a questões com a camara do Porto.

O mesmo chronista, falando da jurisdicção ecclesiastica, diz: «Para que o mosteiro de Grijó em tudo fosse grande tem tambem jurisdicção ecclesiastica sobre as suas egrejas, não conhecendo superior bispo ou arcebispo d'este reino, senão immediatamente ao papa.»

Para essas egrejas da sua jurisdicção tinha vigario geral, promotor da justiça, meirinho ecclesiastico e aljube.

«Não se contentaram os reis d'estes reinos, escreve ainda o mesmo chronista, com encherem ao mosteiro de Grijó de mercês como já vimos algumas e esperamos ainda mostrar outras, senão que quizeram fosse senhor de coutos, em que tivesse jurisdicção secular com que fosse buscado, querido e estimado, sendo a condição dos homens tal que não attendem a empregar sua amizade e serviços senão aonde podem achar felicidades com que alliviam seus desgostos.»

Conservava o prior o ser ouvidor nos tres coutos: de Grijó, que lhe deu a rainha D. Thereza, e nos de Brito e Tarouquella, que lhe deu Affonso Henriques, nos quaes tinha jurisdicção civil e confirmava os juizes e os almotaceis.

A titulo de curiosidade, mandei photographar a sentença de uma questão com a camara do Porto.

◉

Egreja do mosteiro de Grijó
[*Cliché do sr. Constantino Paes*]

N'este mosteiro houve muitos religiosos, que de lá sairam em serviço da Egreja e do paiz.

Não podendo falar de todos aquelles que conheço, só apontarei alguns.

No anno de 1135 o prior de Grijó, D. Paio Soares, pediu a São Theotonio, primeiro prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que lhe mandasse dois conegos como reformadores. Vieram D. João Peculiar e seu sobrinho, Pedro Rabaldis, sendo aquelle depois nomeado bispo do Porto d'onde passou para Braga, ficando seu sobrinho a substituil-o no bispado.

D. João Peculiar foi muito querido de D. Affonso Henriques, a quem acompanhou em muitos lances da sua laboriosa existencia.

Se dermos credito ao que diz D. Fr. Nicolau de Santa Maria, um facto importantissimo da nossa historia patria se deve a D. Pedro Rabaldis, facto referido por todos os historiadores e por elles considerado de grande alcance politico para D. Affonso Henriques poder consolidar a fundação da monarchia.

Aconselhado por este bispo, escreveu D. Affonso Henriques, em 13 de dezembro de 1142, ao papa Innocencio II, dizendo-lhe que offerecia a sua des-

Neste Ataude estão os ossos do Infante
D. Rodrigo Sanches filho de El Rei D.
Sancho Neto de El Rei D. Affonso Henr-
riques primeiro deste Reino, o qual mo-
rreu junto a este Mostr.º em [illegible] chamad[a]
[illegible] [illegible] [illegible] no
anno 1245 [illegible] junto
ao Dito Mostr.º ferido de huma Briga
que diz a historia, os quais ossos estão
[illegible] com [illegible] de vida [illegible]
sepultura q. esta Claustra [illegible]
fazer sua Irmã D. Constança San-
ches no tempo da sua Morte p.ª
o dito Ataude pello M. R. P.º D. Lourenço
da Piedade Prior segunda vez no d.º Mostr.º
[illegible] no anno de 1626 em hu
Domingo 23 de Agosto do d.º anno em
o mesmo dia q. se [illegible]
o Tempo [illegible] e não [illegible]
no d.º Lugar a sepultura em q. esti-
verão os ditos ossos p.ª não caber no [illegible]
da obra q. se fez na Capella Mor em q.
[illegible] Ataude p.ª Lembrança [illegible]
[illegible] esta memoria por mandado
do d.º R.º Prior dia e anno ut supra.

Treslado fiel de huma Memoria
que m.to [illegible] [illegible]
[illegible]

Documento encontrado no tumulo de D. Rodrigo Sanches
[*Cliché do sr. Carlos Evaristo*]

soa por soldado de São Pedro e da Egreja Romana e lhe sujeitava o seu reino e se obrigava, todos os annos, a pagar-lhe quatro onças de ouro.

Houve muitos outros religiosos d'este mosteiro que foram eleitos bispos e que tomaram parte em varios acontecimentos historicos.

Aqui vestiu o habito de religioso D. Fr. Francisco de Soto-Maior que foi eleito bispo de Targa, na Hespanha, de Lamego e arcebispo de Braga.

Sendo prior do mosteiro de São Vicente de Fóra tratou da impressão das *Ordenações do Reino* e conseguiu uma provisão de Filippe III, auctorisando que se imprimissem á custa d'esse mosteiro e para elle fosse o rendimento.

O mesmo prelado assistiu ao juramento que os Tres Estados fizeram a el-rei D. João IV, em 15 de dezembro de 1640.

N'este mosteiro de Grijó foi prior D. Pedro d'Assumpção que muito se notabilisou durante uma grande fome que houve no reino em 1575, acompanhada de «grandes enfermidades por razão das hervas e outros mantimentos desacostumados que a gente comia com fome e morriam como de peste de doença de tabardilho, que foi geral em todo este reino.»

Sendo este D. Pedro eleito prior geral, fez em Coimbra, acompanhado do bispo d'esta cidade e de muitas outras pessoas caritativas, taes beneficios aos necessitados, que ahi «acudiam de toda a parte do reino, pobres e enfermos, e alguns vinham já tão debilitados, e traziam os estomagos tão fracos e debilitados, e damnados de comer hervas e cousas nocivas, que já lhes não aproveitavam os bons mantimentos e as mezinhas, que com muito amor e caridade a gente honrada lhes fazia; e não chamavam já a Coimbra, n'aquelle tempo, senão *A cidade Santa.*»

Na Universidade de Coimbra varios religiosos do mosteiro de Grijó regeram cadeiras.

Quando a rainha D. Mafalda, filha d'el-rei D. Sancho I, foi para Castella, receber-se em Palencia, com el-rei D. Henrique I, acompanhou-a D. Pedro Guterres, religioso d'este mosteiro, varão insigne em lettras e virtudes.

Esta rainha, depois de, pelo pontifice, ser mandada apartar de D. Henrique, por serem parentes em grau prohibido, voltou a Portugal e foi recolher-se no mosteiro da villa de Arouca de que era padroeira, onde viveu e hoje se venera como santa.

N'elle professaram filhos de casas nobres e até um filho d'el-rei D. Sancho I, chamado D. Nuno, que morreu cheio de desgosto pela morte de seu irmão D. Rodrigo Sanches, a quem sua irmã D. Constança mandou fazer a sepultura.

Sepultura mandada construir por D. Constança Sanches para seu irmão D. Rodrigo

Grijó—Claustro

[*Cliché do sr. Carlos Evaristo*]

«Muito devia querer a este principe sua irmã D. Constança Sanches, pois não só lhe mandou fazer sua sepultura de obra de relevo tão custosa e magestosa, mas tambem doou muitas rendas ao dito mosteiro de Grijó por certas capellas de missas por sua alma e por um anniversario.»

Quando fizeram a actual egreja mudaram os restos mortaes de D. Rodrigo para um ataúde de madeira que collocaram em um nicho da capella-mór.

Este D. Rodrigo Sanches veiu morrer junto ao muro da quinta do mosteiro, dos ferimentos que recebera perto do Porto, n'uma briga ou peleja que ahi teve com Martim Gil de Soverosa.

A causa d'esta briga ou peleja não é bem conhecida. D. Frei Nicolau de Santa Maria, referindo-se a ella, observa: «Mas póde se conjecturar do mesmo epitaphio, em quanto diz: *Vitans incestus, actu, verboque facetus*, que, como era gracioso e de conversação alegre, e folgava de rir e falar com suas parentas e outras senhoras, entre todos os limites do commedimento, devia de galantear alguma irmã de D. Martin Gil de Soverosa, do que elle tomaria alhuma suspeita ruim e por se desaggravar do que presumia, devia de desafiar ao senhor D. Rodrigo Sanches.»

O padre Fr. Antonio Brandão, na *Monarchia Luzitana*, escreve: «De uma batalha civil, que se deu junto ao Porto, por este tempo, temos noticia pelos Annaes do Reino, ainda que não referem d'ella coisa de consideração, mais que dizer morrera Rodrigo Sanches, filho d'el-rei D. Sancho I e que ganhou a batalha Gil de Soverosa.»

O parecer do padre Brandão tambem se inclina a que a causa fosse «alguma leviandade» de D. Rodrigo e affirma que uma irmã de D. Martim Gil «não viveu tão castamente como convinha; haveria depois palavras em que romperiam, até que juntando ultimamente seus valedores intentaria um desaggravar-se do que presumia, e o ououtro abonar-se do que não intentára. Esta causa, que aponto, tiro de conjectura; porém, acho que tem muita conveniencia.»

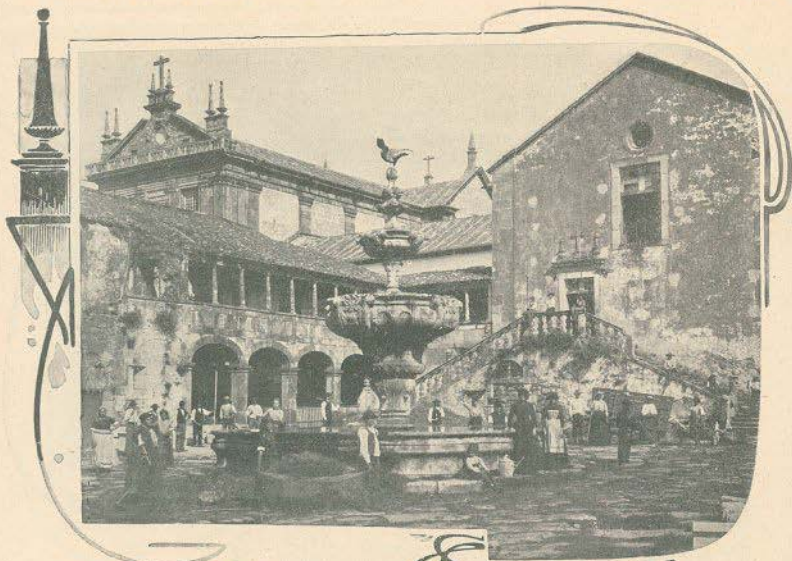
N'uma chronica, inedita, d'este mosteiro, se lê: «E deixando o que pareceu ao padre Fr. Antonio Brandão, que não temos por tão conjecturado, para tão grande rompimento, que pedia razões maiores e communs, temos para nós que, como este principe era de tantas prendas, havia de zelar o bem da patria o qual ia a pique e de cabeça abaixo n'este tempo, em que reinava D. Sancho II de quem D. Martim Gil era o maior privado e por isso considerado como o principal auctor de todas as desordens», por cujo respeito tomaria armas o infante D. Rodrigo, com outros senhores d'este reino, a quem pareceriam mal as mesmas desordens, contra D. Martim Gil de Soverosa, ficando sendo justa a causa d'esta batalha se dar: e parece que por tal a tiveram os religiosos do mosteiro de S. Vicente de Fóra de Lisboa quando mandaram encommendar a Deus aos que morreram n'esta batalha, seguindo a bandeira do infante.

No seu tumulo havia um epitaphio em versos latinos, feito por um conego d'este mosteiro, D. João Guterres, versos que não só estavam n'esse tumulo feito por sua irmã D. Constança Sanches, mas tambem gravados, em caracteres gothicos, n'uma pedra que havia no archivo do mosteiro.

Segue o epitaphio:

QUEM TEGIT HOC MOLES FERTUR DOMINUS RODERICUS
REGALIS PROLES, ET DAPSILITATIS AMICUS.

«Casa do Taco»—edificio adjacente ao jardim do prior e na qual os frades tinham bilhar — Edificio onde o prior de Grijó exercia a justiça que a sua jurisdicção ecclesiastica e civel lhe permittia, tendo aljube ou cadeia — Entrada para o pateo da hospedaria do m steiro,

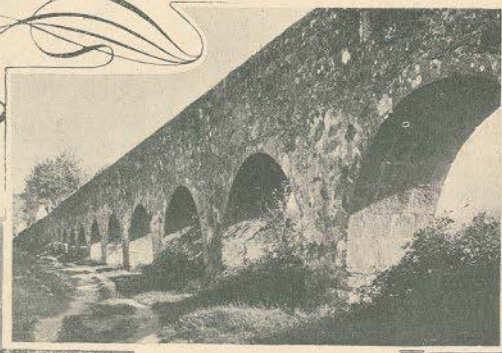
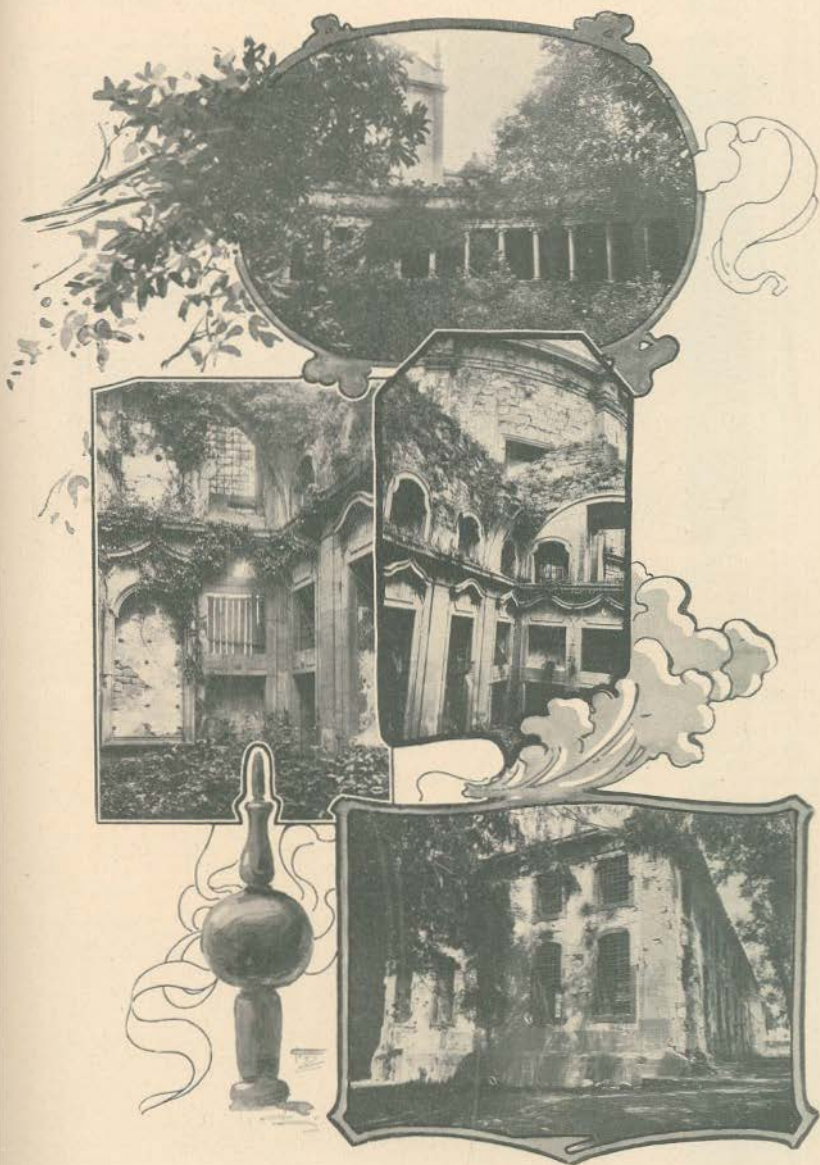
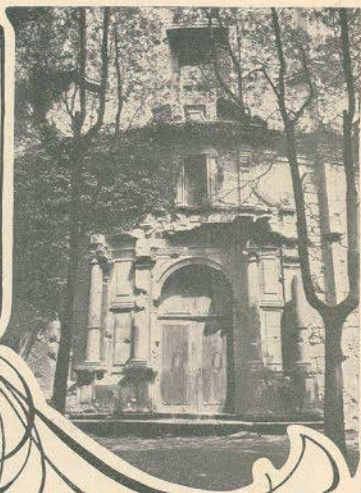
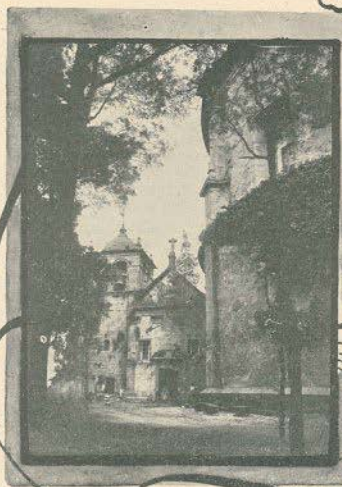
(Clichés do sr. Carlos Evaristo)

Pateo da hospedaria do mosteiro de Grijó

(Cliché do sr. Constantino Paes)

BELLIGER INSIGNIS FUIT HIC, CUNCTIS ET AMANDUS,
LAUDIBUS EX DIGNIS, ALTER FUIT HIC ROTULANDUS.
HIC NUNQUAM MOSTUS, SED IN OMNI TEMPORE LÆTUS;
VITANS INCESTUS, ACTUS, VERBO QUE FACETUS.
PROMISSOR VERUS FUIT, HOSTIBUS IS ET SEVERUS
PLEBS SIMUL, ET CLERUS FLEAT HÚNC, ET MILES HIBERUS.
QUA PLURIS FULSIT ARMIS IDEO MAGÉ FULSIT,
PLURIBUS INDULSIT, ET IN HOC PIETATE REFULSIT.
OMNIMODA LAUDE DIGNUS FUIT HIC RODERICUS,
CUNCTIS PACIFICUS, HUMILIS, PROBUS, ET SINE FRAUDE.
PRIMA SIT UNDENA, BIS TERTIA SCRIPTA SEQUATUR,
EX HINC AICENA QUATER, ET QUATER ACCIPIATUR.
POST OCTAVA DATUR, TER SCRIBITUR ERA NOTATUR.
OBIIT VI NONAS JULII.

Hoje não se vê no tumulo que está no claustro vestigios d'este epitaphio cuja traducção é a seguinte:

«N'esta sepultura jaz enterrado Dom Rodrigo, filho d'el-rei, que foi grande cortezão, insigne em armas, e semelhante a outro Roldão, amado de todos, e digno de verdadeiros louvores. Era principe gracioso e de conversação alegre; folgava de rir e falar, porém não em fórma que se notasse n'elle ser incestuoso e pouco casto com suas parentas. Nas promessas foi sempre verdadeiro, e para os inimigos de grande severidade. Chorem a este principe o povo, o clero e os soldados de Hespanha; que quanto mais se assignalou nas armas, e floresceu n'ellas, tanto mais teve de piedade, e brandura para todos. Foi sem duvida principe digno de todo o louvor este D. Rodrigo, pacifico, humilde, de rara bondade e sem engano.

Ponha-se no primeiro logar a undecima letra do A, B, C, que é M, escreva-se logo a terceira que é C, duas vezes, e a vigesima que é

Aqueducto mandado construir pelos frades de Grijó e por onde, em tres encanamentos corre a agua para o grandioso tanque da Amoreira. É uma edificação magestosa, que basta para revelar a riqueza do mosteiro

Claustro do mosteiro da Serra do Pilar (estado actual)—Sacristia do mosteiro da Serra do Pilar, cujo tecto foi pelos ares em consequencia de uma explosão de polvora no tempo do cêrco do Porto — Outro aspecto da sacristia (estado actual) — Vista exterior da sacristia do mosteiro da Serra do Pilar

Torre e egrejas do mosteiro da Serra do Pilar. N'uma fenda da parede da frente da primitiva egreja uma linda arvore nasceu e lá está a attestar o criminoso abandono a que este historico edificio foi lançado — Porta principal da egreja circular da Serra do Pilar

[*Clichés do sr. Carlos Evaristo*]

X oito vezes, ajunta-se então tres vezes escripta a que fé dá depois da letra oitava, que é I, e assim se notará a era.»

Esta era é de Cesar.

Sou tentado a transcrever aqui uma parte da eloquente e energica allocução que, no concilio de Leon, fez o bispo de Lisboa, D. Ayres Vasques, na presença do papa Innocencio IV, protestando contra a deposição de D. Sancho: «Não consintaes, beatissimo padre, que vassallos rebeldes e descontentes achem em vós favor, ou para anhelarem novidades, ou para effeituarem traições. E não digo, porque me descontente da pessoa do infante D. Affonso, merecedor de maiores reinos, mas pelo exemplo que d'aqui podem tomar as idades vindouras, com o que nenhum principe se terá por seguro em seu estado; nenhum amará seus irmãos, em quanto cuidar tem n'elles quem por semelhantes meios os possa desapossar do que é seu; nenhum fará justiça por medo de descontentar a malfeitores, que, dando capa de virtude a seus insultos, virão a fazer culpa no rei, o que é maldade nos vassallos.»

De nada valeram as razões apresentadas, porque...

«Sancho segundo, manso e descuidado
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que d'outrem, que mandava, era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados, foi privado.»

[Luziadas, canto III, est. 91].

Na freguezia de S. Felix da Marinha, do dito concelho de Gaya, possuia o mosteiro uma propriedade, onde os frades iam passar algum tempo. Era conhecida por *Granja dos Frades* de Grijó, a qual, mais tarde, deu nome e origem á linda praia da Granja, tão frequentada por nacionaes e estrangeiros, quando depois se construiu a linha ferrea e ali se fez uma estação.

Este mosteiro foi um dos nove — da mesma congregação — abolidos no tempo d'el-rei D. José I e os haveres d'elles transferidos para o convento de Mafra. A quinta de Grijó foi vendida por 36:000$000 réis.

Subindo ao throno, D. Maria I annullou esta abolição e mandou fazer a respectiva restituição, e que ao filho do comprador da quinta se desse a quantia por que seu pae a comprára.

◉

Até principios do seculo XVI esteve o mosteiro em Grijó, mas em 1537 foi resolvido pedir a sua mudança para a Serra do Pilar, em Villa Nova de Gaya, por ser baixo e humido o terreno de Grijó.

A isso annuiu el-rei D. João III, que mandou o seu architecto vêr o novo local, fazer a traça para um mosteiro e escreveu «cartas de favor» ao bispo e camara do Porto, e tambem ao morgado de Quebrantões, a quem pertencia o terreno escolhido para o novo edificio.

N'este logar escolhido para o novo edificio, o

monte de Quebrantões, houve um mosteiro de São Nicolau das Donas, tambem conhecidas por *inclusas* ou *emparedadas*, fundado por D. Pedro Rabaldis, frade de Grijó e bispo do Porto.

Deu origem a esta fundação o «ter apparecido no anno de 1140, junto de uma antiga ermida de São Nicolau, um devoto crucifixo».

Consta que este mosteiro ainda ahi permanecia pelos annos de 1300, pois um bispo do Porto, no seu testamento, lhe fez uma doação; quando foi extincto não se sabe, sendo as suas rendas aproveitadas para a instituição de um beneficio simples que teve o celebre bispo de Vizeu D. Miguel da Silva que, indo para Roma, o renunciou no cardeal Farnesio, em cujo nome tinha a administração d'esta ermida o padre Aleixo Allão, pelos annos de 1552, em que os conegos regrantes de Santo Agostinho, com seu consentimento e licença do bispo do Porto, D. Fr. Balthazar Limpo, a *mudaram* para junto do rio Douro.

N'esta licença, dada na carta que o dito bispo passou, a 17 de junho de 1539, se lê: «Fazemos saber a quantos esta nossa carta virem, que o prior do real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra nos enviou dizer que pelo sitio de São Nicolau das Donas da Ermida (que antigamente foi mosteiro de conegos da sua Ordem) lhe ser mui necessario, para ficar dentro do circuito do novo mosteiro do Salvador, que ora el-rei nosso senhor D. João III manda fazer no dito logar, para n'elle habitarem os conegos regrantes de Grijó, nos pedia houvessemos por bem que a dita ermida e seu sitio ficassem dentro da cêrca do novo mosteiro. E considerando nós como é cousa de grande serviço de Deus o fazer o dito mosteiro, havemos por bem que o sitio da dita ermida fique dentro d'elle, com tal condição que os ditos padres conegos sejam obrigados a fazer outra tal ermida da mesma invocação e orago de São Nicolau fóra da cêrca do mosteiro, no penedo que está acima do caes», etc.

Ha poucos annos se fez a nova ermida, que se vê na escarpa da Serra do Pilar, sendo demolida a antiga, que ficava perto, e, no seu logar, construidos uns armazens.

É conhecido este local pelo nome do Senhor d'Além.

Para a Serra do Pilar se mudaram os frades; porém tendo sido alguns assaltados por saudades do seu antigo mosteiro rogaram ao papa a separação dos dois mosteiros, a qual foi concedida por Pio V, voltando uns para Grijó, ficando outros em Gaya.

No capitulo geral, celebrado em Santa Cruz de Coimbra, a 17 de abril de 1564, se resolveu pedir «a bulla da Separação dos mosteiros de Grijó e da Serra de Villa Nova do Porto, porém fizeram os padres d'este capitulo escrupulo de extinguir um mosteiro tão antigo e de tão grande jurisdicção, como o de Grijó e assentaram que se desunisse do da Serra, e ficassem dous mosteiros e partissem entre si as rendas, e as egrejas, a prata e os ornamentos e obrigações de missas e anniversarios da sacristia, e logo se assignaram religiosos para moradores de ambos os mosteiros e se assignaram os logares que haviam de ter os priores nos Capitulos Geraes, precedendo o prior de Grijó ao da Serra.»

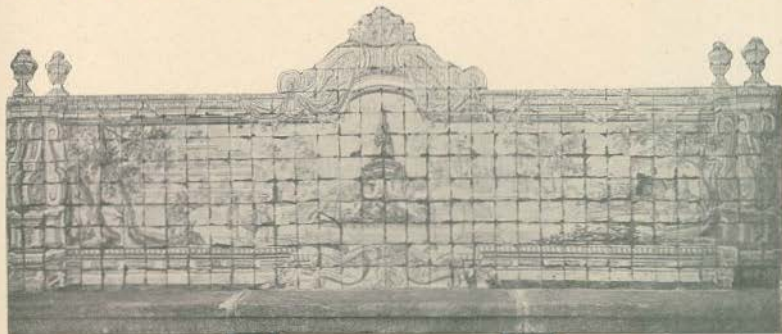
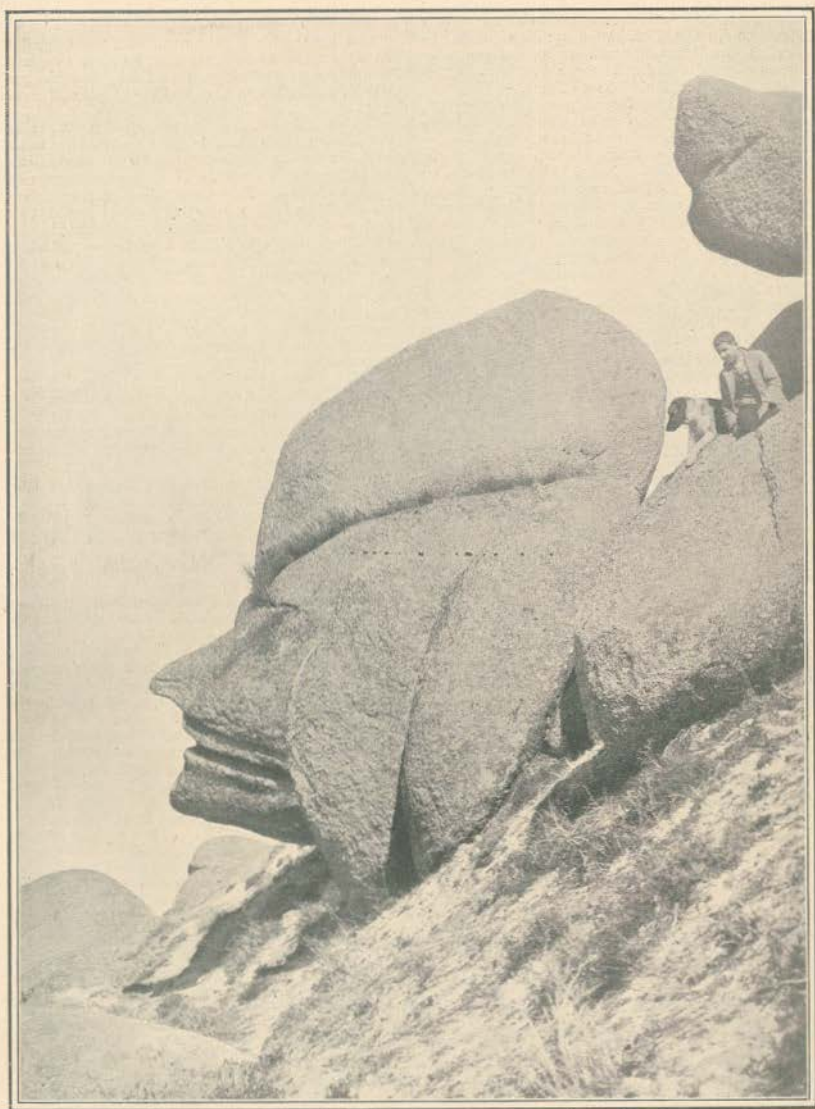
Parece que o mosteiro da Serra do Pilar, logo no seu principio, foi pelo destino escolhido para n'elle se desenrolarem scenas de horror que a ambição dos reis alastra, quando na guerra vão resolver as suas questões.

A scena de perseguição politica de que, depois do breve de Gregorio XIII, foi victima um leal partidario do prior do Crato, baptisou com lagrimas de sangue esse logar—morada onde só devera reinar a doçura da paz!

Do alto d'aquella serra, que outras scenas de horror e desespero não contemplaram os conegos regrantes de Santo Agostinho, quando se deu o desastre da ponte sobre o rio Douro, no tempo da invasão franceza!

Depois, quando no paiz se desencadearam essas luctas fratricidas, as quaes durante tanto tempo o ensanguentaram, foi em volta d'aquelles muros do mosteiro da Serra do Pilar que se empenhou a mais encarniçada campanha!

E, visto d'ahi, que terrivel espectaculo devera ter sido esse incendio dos armazens de vinho, em Villa Nova de Gaya, que no dia 16 de agosto de 1833 reduziu a nada centenares de pipas avaliadas em centenas de contos!

JOSÉ P. S. VENTURA.

Azulejos que formam o encosto de extensos bancos de granito no eirado do mosteiro de Grijó

UM MONUMENTO DO ACASO

O rochedo cuja photographia a *Illustração Portugueza* dá hoje a conhecer a seus leitores, por obsequiosa communicação do sr. Elysiario da Motta Veiga Casal, é sem duvida o mais extraordinario especimen de *esculptura natural* até agora revelado pelos «magazines» da Europa e da America. Situado na vertente occidental da serra da Estrella, perto de Cela, na encosta sobre S. Romão, proximo de uma capella do Senhor do Calvario, da qual dista uns 20 metros, e da ermida da Senhora do Desterro, edificada no fundo do valle, junto da ribeira d'Alva, o surprehendente rochedo anthropoglyphita apresenta um perfil de mulher velha, de craneo proeminente, o nariz adunco, os olhos semi-cerrados sob as crespas sobrancelhas, formadas por alguns ramos de giesta nascidos n'um lesim da mesma rocha

CONTINUADO DO Nº 40

Prisão de cabeça e braço, (fig. 75)—Prende-se a cabeça do adversario, empregando para esse fim um intercalamento com o braço direito; passa-se-lhe ao mesmo tempo por debaixo do peito o braço, cuja mão vae prender-lhe o braço tambem esquerdo um pouco acima do cotovello; colloca-se o hombro esquerdo sob o peito do adversario obrigando-o em seguida a rodar para o lado opposto ao luctador e a assentar as espaduas no chão, mantendo préviamente as prisões e carregando com energia.

Este golpe faz-se por qualquer dos lados.

Defezas do mesmo golpe—As defezas d'este golpe são as seguintes: 1.ª, evitar que o adversario nos prenda o braço, levantando-nos energicamente e pondo-nos de pé; 2.ª, parar com uma ponte.

Prisão de cabeça e braço com intercalamento (fig. 76).—Prende-se a cabeça ao adversario com a mão esquerda, collocando-lh'a bem sobre a nuca; sob a axila esquerda do adversario passa-se o braço direito, cuja mão vae segurar o pulso esquerdo do luctador que emprega o golpe; em seguida obriga-se o adversario a rodar para o lado opposto e a assentar as espaduas.

Póde-se fazer este golpe por qualquer dos lados.

Defezas do mesmo golpe.—As defezas a empregar contra este golpe são duas: 1.ª levantar bem a cabeça evitando assim que o adversario possa effectuar as prisões; 2.ª parar com uma ponte.

Dupla prisão d'espaduas, 1.º tempo (fig. 77.)—O luctador colloca-se á frente do adversario, abaixa-lhe a cabeça collocando-a sob o seu peito, e o braço esquerdo em seguida prende-lhe as espaduas, passando-lhe previamente os braços sob as axilas.

2.º tempo do mesmo golpe.—Logo que tenha as espaduas presas, obriga-se o adversario a rodar para a esquerda do luctador, e, retirando este o braço esquerdo, para lhe deixar assim passar a cabeça quando elle esteja com o hombro direito já no chão, obriga-se em seguida a assentar as espaduas carregando-lhe bem sobre o peito e prendendo-lhe os braços fortemente.

Tambem se póde fazer este golpe para qualquer dos lados e collocar a cabeça do adversario sobre um dos hombros do luctador.

Defezas do mesmo golpe.— As defezas d'este golpe são as seguintes: 1.º estender as pernas afastando-as uma da outra, ficando de bruços e abrindo os braços; 2.ª quando a cabeça fica sob o peito do adversario parar levantando-se; 3.ª, quando a cabeça fique sobre o hombro do adversario parar com uma *ponte.*

81
Prisão de braço, 1.º tempo

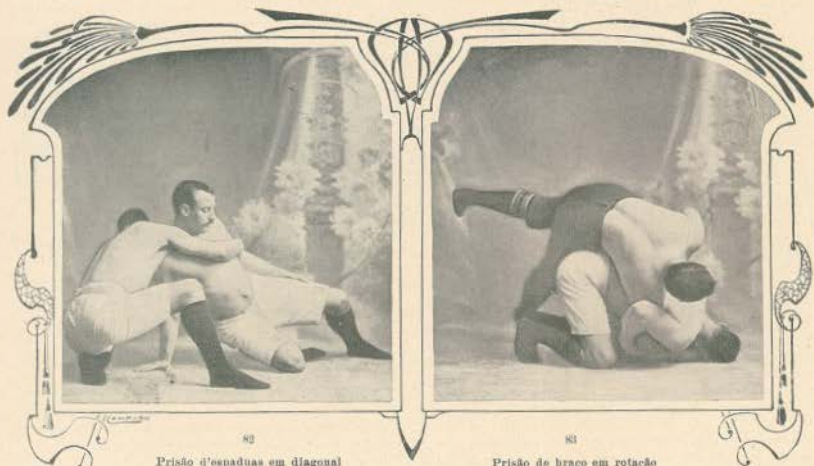
Prisão de braço com pressão sobre a nuca, 1.º tempo, (fig. 78).—O luctador colloca-se ao lado direito do adversario, e passa-lhe com o braço esquerdo um intercalamento sob a axila do mesmo lado; em seguida carrega-lhe sobre a nuca com o ante-braço direito, cuja mão se deve ligar á do braço que faz o intercalamento formando colchete.

Mantidas bem as prisões, o luctador obriga o adversario a voltar-se, carregando-lhe energicamente sobre a nuca e puxando-o para si com o braço que faz o intercalamento.

2.º tempo do mesmo golpe.—Logo que o adversario se tenha voltado, passa a mão direita do luctador a segurar-lhe o braço esquerdo, carregando ao mesmo tempo com o peito e indo a mão esquerda prender-lhe o braço direito.

Defezas do mesmo golpe.—Contra este golpe pódem empregar-se as seguintes defezas: 1.º deitar-se o luctador de bruços e estender para o lado o braço direito; 2.º parar com uma ponte.

Prisão de espadua e braço, (fig. 79.)— O luctador collo-

82
Prisão d'espaduas em diagonal

83
Prisão de braço em rotação

ca-se um pouco á frente do adversario e passa-lhe um intercalamento com o braço direito, cuja mão vae segurar-lhe a espadua esquerda; em seguida com a outra prende-lhe o pulso direito ou o braço um pouco acima do cotovello. Logo que estas prisões estejam feitas, o luctador obriga o adversario a virar-se para o lado opposto ao do intercalamento, puxando-lhe previamente o braço direito para si e carregando energicamente com o peito.

Defezas do mesmo golpe—1.ª, depois do adversario ter feito o intercalamento, evitar a prisão do outro braço e levantar-se pondo-se de pé; 2.ª, parar com uma ponte.

Este golpe faz-se por qualquer dos lados.

Dupla prisão de braços, (fig. 80)—O luctador colloca-se ao lado do adversario, prende-lhe o braço do lado opposto passando-lhe préviamente, por debaixo do peito, um dos braços e o outro pela frente. O hombro do braço que passa sob o peito do adversario deverá estar bem por debaixo d'este. Em seguida o luctador puxará para si o adversario, obrigando-o a virar-se e a assentar as espaduas no chão, mantendo bem as prisões e carregando com o peito.

Defezas do mesmo golpe—As defezas d'este golpe são as seguintes: 1.ª, estender o braço para o lado, evitando assim a prisão; 2.ª, caso a primeira defeza se não possa effectuar, o luctador levanta-se pondo-se em pé.

Prisão de braço, 1.º tempo, (fig. 81)—Estando o luctador collocado perpendicularmente ao lado do adversario, passa as costas por debaixo d'este, e vae prender-lhe com as mãos o braço opposto, collocando ao mesmo tempo o hombro do lado do adversario sob a axila d'este; em seguida obriga-o a virar-se.

2.º tempo do mesmo golpe—Depois do adversario se ter virado, o luctador, mantendo energicamente as prisões, dará uma cambalhota, de maneira a ficar com as espaduas bem assentes sobre o peito do adversario e, carregando, obrigal-o-ha a assentar as espaduas no tapete. Tambem se póde fazer este 2.º tempo da seguinte maneira:

Tendo-se obrigado o adversario a virar-se, retira-se o braço cujo hombro está sob a axila d'elle passando-lh'o para cima do peito, e indo prender-lhe o outro braço; em seguida carrega-se energicamente, obrigando-o a assentar as espaduas.

Defezas do mesmo golpe—As defezas contra este golpe são as seguintes: 1.ª, evitar o luctador que o adversario se lhe colloque por debaixo; 2.ª, quando a prisão esteja feita, saltar um pouco para a frente do adversario, levantando ao mesmo tempo a perna do lado do braço que está preso e collocar o pé ao lado d'este; 3.ª, parar com uma ponte.

Prisão d'espaduas em diagonal, (fig. 82)—O luctador colloca-se obliquamente ao adversario, cinge-o com os braços, um sobre o peito e outro sobre as espaduas, indo as mãos encontrar-se junto á espadua do lado opposto, formando com ellas colchete, e, collocando o hombro correspondente ao braço que passa sob o peito sob o hombro do adversario, obriga este em seguida a assentar as espaduas no chão, deslocando-o para o lado dos hombros que estão em contacto. Feito isto passará o peito para cima d'elle carregando com vigor, e retirando ao mesmo tempo o braço que está sob as espaduas.

Defezas do mesmo golpe. — As defezas d'este golpe são as seguintes: 1.º deitar-se de bruços estendendo as pernas e abrindo os braços; 2.º pôr-se em pé; 3.º parar com uma ponte.

Prisão de braço em rotação, (fig. 83) —O luctador quando o adversario esteja sobre elle e tenha um dos braços a cingil-o pelas costas, prende com o braço do lado opposto o braço que o cinge, um pouco acima do cotovello, puxa-o, fortemente, obriga-o a virar-se e a assentar as espaduas, ficando então o luctador com as costas sobre o peito do adversario.

Tambem se póde fazer este golpe da seguinte maneira: pretendendo o adversario fazer um intercalamento de braço para prender a cabeça do luctador, este prende o braço que intenta o intercalamento, apertando-o de encontro a si, e com a mão que está livre segura o mesmo braço do adversario pelo pulso. Em seguida puxa-o com energia para o lado da prisão, obrigando-o a virar-se e a assentar as espaduas. O luctador deverá ficar perpendicularmente ao adversario, e com as costa. bem sobre o peito do mesmo, carregando-o energicamente.

Defezas do mesmo golpe. — A defeza tanto para a primeira como para a segunda prisão de braços em rotação é a seguinte: saltar para o lado opposto, isto é, para o lado do braço preso, ficando ajoelhado com a perna que está junto do adversario; dar um passo á frente com a outra perna cujo joelho deverá ficar ao lado do hombro e o pé um pouco á frente do mesmo hombro.

Dupla prisão de braços e pulsos, (fig. 84). — Estando á frente do adversario, o luctador avança e colloca-se por debaixo d'elle, prende-lhe os braços apertando-os de encontro ao dorso e segura-lhe fortemente os pulsos, como indica a gravura. Em seguida vira-se para qualquer dos lados, dando um vigoroso golpe de rins, sem de fórma alguma largar as prisões, e obriga o adversario a assentar as espaduas ficando em ponte sobre elle.

Defezas do mesmo golpe. — As defezas d'este golpe consistem em retirar os braços, soltando-se rapidamente do adversario; 2.º, caso esta primeira defeza não dê resultado, seguir o movimento dado pelo adversario; fazer a ponte e rodar de maneira a ficar com o dorso de lado, e com o ventre para baixo e as pernas afastadas uma da outra.

CONCLUSÃO

Conhecidos os preceitos e golpes da lucta, é ainda condição importante, para luctar com vantagem, ser vigoroso. Ora o vigor physico póde sempre adquirir-se por meio de um trabalho racional, methodico e persistente. Como já tivemos occasião de dizer, as qualidades naturaes de que qualquer individuo seja dotado de modo nenhum são para desprezar; entretanto, ninguem deve fiar-se unicamente nas vantagens que d'essa circumstancia derivam. Tanto o folego como a resistencia necessitam de um treino dos mais aturados. Mas, a par das condições physicas a cujo desenvolvimento tem de attender, deve o luctador possuir qualidades moraes, egualmente indispensaveis para sustentar com energia, brio e tenacidade um combate renhido e violento. É necessario ser verdadeiramente corajoso, pois a coragem e o desejo de resistir a todo o transe muito influem nas probabilidades do triumpho, que todos certamente desejam alcançar.

Além das lições de lucta e da pratica dos assaltos, convém, a quem aspire a tornar-se um bom luctador, ou manter-se em favoraveis condições physicas, seguir com seriedade um regimen racional de entreinamento. O bom luctador deve ser vigoroso, flexivel, agil e ao mesmo tempo pesado.

Cumpre explicar o sentido d'esta ultima palavra. Não basta, como algumas pessoas erradamente suppõem, ter pesadas massas de gordura inutil, que só pódem servir para fatigar o adversario pelo peso. Os verdadeiros athletas devem ter um peso respeitavel, mas tanto quanto possivel em musculos.

Para conseguir este resultado, aconselha-se, como bastante conveniente, o trabalho com pesos, sendo duas as escolas que preconisam as suas vantagens. Uma d'ellas recommenda o emprego do peso pesado, que só póde levantar-se um numero de vezes muito restricto, desenvolvendo comtudo em pouco tempo o maximo da força physica de que póde dispôr-se. A outra escola, praticada especialmente na Inglaterra pelos jogadores de *box*, aconselha o trabalho com pequenos alteres de 2 ou 3 kilos o maximo, com os quaes se executarão series de 100 ou 150 movimentos sem interrupção. Pódem estes movimentos dos braços ser lateraes, horisontaes ou verticaes, e com ou sem flexão.

Trabalhando assim, desenvolver-se-hão os *triceps*, cuja potencia é necessaria para repellir o adversario no decurso das differentes paradas. Estes movimentos servem tambem para fortalecer os musculos do pescoço, empregados na ponte, e ao mesmo tempo os dos rins, e poderão ainda ser acompanhados de flexões das pernas, destinadas egualmente a fortificar-lhes os musculos.

Em resumo: o luctador deverá primeiramente, nas suas sessões de entreinamento, levantar uma serie de pequenos alteres, e terminar este trabalho sustentando com os braços distendidos pesos de 20 kilogrammas erguendo em seguida com as duas mãos grossas barras com espheras.

Como complemento d'este treino, são egualmente indispensaveis os passeios a pé, podendo esses passeios, para se não tornarem fastidiosos, fazer-se, como usam os inglezes, em grupos, e realisar tambem concursos de corridas e saltos. De resto todos os exercicios gymnasticos são do maior proveito para o luctador, pela dextreza, agilidade e flexibilidade que d'elles adveem, sendo de toda a conveniencia que os principiantes pratiquem, pelo menos, a gymnastica sueca, tão preconisada pelos seus salutares effeitos, antes de se entregarem aos exercicios da lucta. Procedendo assim, n'um treino methodico e racional, alcançar-se-hão resultados verdadeiramente surprehendentes, porque a pratica da lucta, além do que offerece de attrahente no ponto de vista especialmente *sportivo*, tem a vantagem de pôr em acção todos os musculos, alguns dos quaes sem intervenção n'outros *sports*, fazendo portanto funccionar toda a machina humana.

N'este nosso trabalho não só colligimos quanto se encontra nos tratadistas estrangeiros que consultámos, mas incluimos tambem muitos golpes e paradas que elles não mencionam, e que entretanto teem sido postos em pratica, com manifesta vantagem por distinctos e proficientes amadores portuguezes d'este *sport*, entre os quaes os srs. Pedro del Negro, Ribeiro da Fonseca e Candido Silva, que amavelmente se prestaram a executar todas as figuras reproduzidas nas gravuras que servem de complemento ao texto.

84
Dupla prisão de braços e pulsos

AS MODAS D'ESTE INVERNO

Modelo da casa Paquin destinado especialmente á ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Vestido para theatro em velludo verde claro bordado a flôres coloridas e perolas; corpo guarnecido de tulle bordado preto e branco e rendas. Chapéu da casa Lewis *capeline* azul Nathier, guarnecido de grande pluma de avestruz azul pavão cahindo no hombro

(CLICHÉ FELIX)

Alexandre d'Azevedo — Lucilia Simões

A RAJADA

Peça em 3 actos de Henry Bernstein, traducção de Mello Barreto, representada no theatro D. Amelia em 12 de novembro

A peça que a empreza do theatro D. Amelia, dirigida pelo homem a quem mais se deve a progressiva evolução do theatro portuguez dos ultimos dez annos, pelo exemplo contagioso da sua energica iniciativa de reformador, acaba de fazer representar com inexcediveis primores de desempenho e meticulosos cuidados de *mise-en-scène*, constituiu, o anno passado, o maior successo theatral de Paris. Traduzida pelo sr. Mello Barreto com o escrupulo que lhe conferiu a justa fama de um traductor excellente, *La Rafale* obteve em Lisboa o mesmo successo com que a França consagrou, como um dos mestres do seu theatro, o juvenil dramaturgo Henry Bernstein. Nada mais pungentemente dramatico, na mais ampla accepção theatral da palavra, do que esse episodio breve, exposto de chofre, precipitadamente desenvolvido e tragicamente consummado, que constitue a acção da obra magistral do dramaturgo francez. E que admiravel temperamento de homem de theatro o que concebeu, com este vigor incomparavel, com esta sobriedade modelar, com este poder dominador de verdade, o drama conciso, o conflicto inexoravel, que em tres actos rapidos, commovedores e intensos, onde tudo é acção, se desdobra em angustiosos lances! Henry Bernstein é, com Hervieu, o escriptor que hoje em França melhor sabe destrinçar da concepção litteraria a acção dramatica, tendo porém sobre o seu competidor uma superioridade que lhe confere a victoria: não é um romancista. Hervieu demora-se nas subtilezas especulativas da analyse. Bernstein, não. Uma vez posto de pé o conflicto, urgentemente o resolve, sem commentarios inuteis, sem complicações escusadas. N'uma litteratura ameaçada pelo abuso da phrase e a que o estylo continuamente debilita a energia, Henry Bernstein não perde tempo em limar phrases e burilar paradoxos. As figuras das suas peças são intimamente absorvidas pela acção em que se movem. São martyres d'ella. Bruscamente, com o vigor impiedoso de um destino, o dramaturgo lança-as á sua sorte. A historia que d'esta vez o auctor do *Détour* nos vem patheticamente narrar na sua linguagem viril é das mais impressionadoras, na sua singeleza, sobre que um historiador da

O barão Lebourg (Augusto Rosa) e Chacéroy (Alexandre de Azevedo), na grande scena do 3.º acto

Roberto de Chacéroy [A. de Azeved.] e *Helena de Brechebel* [Lucilia Simões] no dialogo do 3.º acto

O desenlace da *Rajada*

vida humana podia exercitar os seus talentos dramaticos. Helena Lebourg, filha de um homem de negocios e que o dinheiro contagiou da vaidade ridicula das aristocracias do sangue, casa, por imposição paterna, com um fidalgo arruinado, verdadeira encarnação da idiotia presumpçosa e do egoismo mais arido.

Mas essa mulher nova e formosa, filha de um aventureiro da finança, não se submette a esse *celibato* matrimonial, que é sempre o casamento sem o amor. A condessa de Brechebel tem, sob as apparencias delicadas de uma victima, as energias herdadas d'aquelle pae millionario. E entre todos, o homem que a captiva e seduz, a quem se entrega e a quem submette os destinos da sua felicidade de mulher, é Roberto de Chacéroy: um aventureiro tambem, mas o aventureiro fidalgo, o descendente decahido de uma nobreza de espada, de quem herdou sem fortuna os habitos luxuosos, o temperamento voluptuoso, a altivez desdenhosa, o cavalheirismo sem o escrupulo, a energia insubmissa e esse orgulho que é o falso caracter das aristocracias decadentes. Chacéroy tem assim todos os prestigios de seducção para satisfazer os apaixonados arrebatamentos de uma mulher. O seu modo de vida? O unico de que pode lançar mão um fidalgo *aux abois*, para quem o trabalho é, por uma convenção anachronica e por uma incapacidade moral, uma deshonra:—o jogo. E' nas mesas de baccarat dos clubs elegantes e nas corridas de cavallos, em toda a parte onde se joga, que esse fidalgo arruinado ganha o ouro necessario para manter a categoria do seu nome e satisfazer as

exigencias dos seus caprichos. Chacéroy é um jogador temeroso, que a sorte milagrosamente protege, como a um filho dilecto, até ao dia em que, subitamente, o abandona. N'uma excitação de orgulho ferido, obstinando-se n'uma partida de baccarat, Roberto de Chacéroy perde n'uma noite 600:000 francos, que lhe não pertencem. E' n'este momento dramatico que o panno sobe para o 1.º acto. E' a hora do jantar em casa do barão Lebourg. Chacéroy, que acaba de perder nas corridas, com os ultimos luizes, a ultima esperança de reconquistar o direito de viver, vem visitar pela ultima vez a mulher adorada, unica que jámais impressionou, captivou e commoveu a sua alma glacial. Como é que esse homem insubmisso e orgulhoso, com todos os vicios e todas as virtudes de uma nobreza de raça, embora decahida, succumbe ao interrogatorio de uma mulher e confessa o seu delicto e o seu desespero? Seria preciso transcrever o dialogo admiravel de Bernstein para explical-o. E' essa confissão que prepara a sequencia angustiosa do drama. Entre essa mulher apaixonada, que quer salvar o amante e para lhe levar os 600:000 francos antes do praso fatal não recua diante de nenhum expediente, com sacrificio dos mais nobres escrupulos da sua consciencia, e esse homem resoluto, que decidiu matar-se, saldando a sua divida com uma bala e entregando á deshonra apenas o seu cadaver, duas acções pararellas, ambas patheticamente dramaticas, se precipitam para o tragico desenlace.

Foi a esta sobria tragedia que a companhia do D. Amelia deu um desempenho que honra o theatro portuguez. Augusto Rosa, no Barão Lebourg, soube, com uma mestria inexcedida, compôr uma das mais difficeis personagens do seu reportorio. A Alexandre d'Azevedo, que é hoje uma das esperanças da scena portugueza, fôra confiada a figura altiva e dolorosa de Chacéroy. Dizer que esse juvenil actor, em que ainda hontem as proveitosas lições de Augusto Rosa principiaram a desenvolver as aptidões naturaes, conseguiu, n'um papel contrario profundamente ao seu temperamento, dar ao espectador a integra comprehensão da personagem, é fazer-lhe o maior e mais justo elogio. Henrique Alves, se bem que discordemos em parte da interpretação que deu á figura de Amadeu Lebourg, que na peça nos apparece antes sinistra do que comica, foi d'esta vez ainda, como sempre, o mais completo actor da sua geração.

Mas quiz Henry Bernstein que a grande, a influente, a dominadora figura do seu drama fosse essa amante martyrisada, a quem não são poupadas as maiores dôres que podem ferir o coração de uma mulher, e que no decorrer dos dois ultimos actos enche a scena inteira com o espectaculo compungente do seu anciado desespero, com o dilacerante escabujar dos seus inenarraveis supplicios. Lucilia conseguiu com o seu talento apiedar todos os corações. Não se representa melhor. A sua carreira de actriz entrou definitivamente n'esse periodo radioso do triumpho, que raras actrizes, mesmo as grandes inspiradas, tão depressa logram attingir.

O INTIMO

Peça em 3 actos de Eduardo Schwalbach, representada no theatro de D. Maria II (reprise) a 24 de novembro de 1906

Disse-se de Augier que as peças do grande mestre, representadas quinze annos depois, eram mais novas ainda que ao tempo da sua primeira representação: póde dizer-se o mesmo do *Intimo*, de Schwalbach. Com effeito, parece que o nosso primeiro comediographo contemporaneo escreveu a sua peça com o intuito progressivo de vir a ter um novo exito passados quinze annos, — tão moderno, tão flagrante, tão vivo, tão cheio de scintillação é aquillo tudo, aquelles tres actos nervosos e luminosos que se diriam traçados hoje com o espirito mordente de Michel Provins ou com a insolencia ousada de Bernstein!

Vendo aquella deliciosa peça, moça e brilhante ainda como no primeiro dia em que subiu á scena, chegamos á conclusão de que se alguem envelheceu... fomos nós. O proprio auctor, o proprio Schwalbach, com a sua elegancia pernalta e *elancée*, a sua barbicha grisalha que dá ao longe a impressão do loiro, a sua alegria esfusiante e turbulenta, o seu frac impeccavel, o seu chapéu um pouco para a nuca, o seu espirito de philosopho galante e resignado, a sua furia politica, a sua *joie de vivre*, — o proprio Schwalbach está hoje, como a sua peça, ainda mais novo do que ha quinze annos!

Eduardo Schwalbach

E que admira, se a sua litteratura é elle, se elle é a sua litteratura, se nenhum homem de lettras em Portugal foi mais caracterisadamente do que o auctor do *Intimo* e da *Cruz da Esmola* o espelho e a razão de ser da sua propria obra! Quem poderia, senão Schwalbach, ter feito aquelle primeiro acto tumultuario, movimentado, lucilante de graça e de paradoxo, galante como um punho de renda e ao mesmo tempo mordente como uma *segunda-feira* de Capus! Quem, senão elle, poderia ter creado, de *toutes-pièces*, esse typo admira-

A SCENA FINAL D'«O INTIMO»

Clara [Delfina Cruz] *Marquez* [Brasão *Maria* [Beatriz Bente] *O Ministro* [Fernando Maia

A ultima scena do 2.º acto—*Clara* (Delphina Cruz) e o *Ministro* (Fernando Maia)

vel do conselheiro Napoleão,—tão perseguido e tão plagiado depois por todos os comediographos burguezes de ha quinze annos para cá! Quem marcaria melhor, n'um vinco d'oiro, brilhante e leve, a figura deliciosa d'essa *Viscondessa*,—um frasquinho de veneno em cristal de Veneza—, figura perturbadora onde cabe toda a philosophia dos adulterios galantes! Quem, senão Schwalbach, senão Gervasio, seu mestre, poderia ter atirado com mais graça para o tablado d'um palco essa deliciosa *charge* d'um dia de eleições, jogada entre um secretario de ministro e um jornalista ambicioso? Ninguem,—absolutamente ninguem, senão elle. Como havia a sua obra de envelhecer,—se elle proprio não envelheceu, se elle está um rapaz ainda, cheio de frescura, de alegria, de *verve*, de movimento, de vida? O successo da obra é o successo do homem. A platéa do D. Maria, quando se levantou ha oito dias para victoriar e applaudir o *Intimo*,—foi verdadeiramente Schwalbach que ella applaudiu, no movimento unanime e enfurecido, triumphante e desesperador de quem lhe pergunta ao mesmo tempo:—«Porque não escreveste tu mais, homem do diabo?»

Não ha duas opiniões sobre o exito da obra—como não ha duas opiniões sobre o valor do desempenho. Brazão *(Marquez de Carvide)*, Ferreira da Silva *(secretario Castro)*, Anna Pereira *(Baroneza)*, Maria Pia *(Viscondessa)* nos papeis mais importantes da preciosa comedia, realisaram verdadeiras creações. Maia, entalado no papel de *Ministro*, o mais ingrato da peça, soube-se defender de modo a confirmar-se o já grande actor que é,—successor de João Rosa nos canastrões romanticos. Joaquim Costa, inegualavel nos papeis de baixa comedia, fez um verdadeiro successo no *conselheiro Napoleão*. Delphina, que ha de vir a occupar o logar deixado em aberto pela figura d'ouro de Rosa Damasceno, fez com distincção e com infantilidade a ingenua da peça. Brazão e Maia ensaiaram, *bras-dessous, bras-dessus*, como dois bons amigos,—e o certo é que o triumpho foi completo, decisivo, incontestavel. Ao baixar o panno sobre o ultimo acto da peça, emquanto o publico applaudia ruidosamente, tivemos vontade de descer ao palco, de procurar Schwalbach, de franzir os sobr'olhos, de fazer cara séria, e de lhe dizer com voz grossa, como se fallassemos a uma creança, que é o que elle é:

—O menino ámanhã não vae ás Camaras... Vae para casa,—e faz outra peça!

Brazão e Delphina Cruz na commovedora scena do 3.º acto

(Photographias de Arnaldo Fonseca)

XI — CASTELLO DE PALMELLA

Alexandre Herculano, o grande historiador, o litterato, o poeta, o romancista, escreveu em 1840 o seguinte periodo que encontramos transcripto no 3.º volume do *Archivo Pittoresco*, pagina 313, prefaciando uma noticia sobre o *Castello de Palmella:*

«Faça-se uma lei de monumentos já que se fazem leis para tudo. Que os procuradores da nação lhe salvem os seus titulos de nobreza. Haja no seio da representação nacional um portuguez que levante um brado energico a favor do passado, a sua voz achará echo em todos os angulos do reino porque em todos elles ha homens sisudos e peitos generosos. Diga a lei aos arrazadores que os monumentos são propriedade publica, e não d'esta ou d'aquella cidade, villa ou aldeia, já que a razão lh'o diz debalde. Tenha, emfim, essa lei a sancção de castigo, já que em um seculo corrupto as palavras *vergonha* e *gloria* vão, como a palavra *mau*, passando para o glossario dos archaismos.»

O castello de Palmella visto da estrada de Setubal

Este brado que sahiu da alma d'um verdadeiro portuguez veiu, decorridos muitos annos, reflectir-se no espirito dos nossos governantes, e assim foi creado o conselho dos monumentos nacionaes, constituido por homens de incontestado valor e acrisolado amor da patria, mas os recursos que se lhe distribuiram são tão minguados e mesquinhos, que quasi inutilisam a sua acção e vigilancia sobre o maior numero dos grandes e gloriosos monumentos espalhados por todo o nosso Portugal.

N'este numero está incontestavelmente o castello de Palmella.

A sua posição entre colinas escarpadas, estendendo-se para um lado, pelos campos banhados pelo Sado, e por outro, pelas margens do grande Tejo, deixando vêr a um tempo os dois formosos rios, torna aquelle ponto um dos mais formosos, pittorescos e surprehendentes que podem encontrar-se por todo o paiz, e por este motivo, embora a ausencia quasi absoluta de *reclame*, é visitado a miudo por estrangeiros, que alongando a vista do alto da torre do castello, a perder-se n'um horisonte extensissimo, ficam verdadeiramente deslumbrados.

Quem escreve estas linhas, depois de ter acompanhado um dos nossos mais affeiçoados visitantes, M. Jules Cardane, secretario do *Figaro*, a vêr o palacio de Queluz e o convento de Mafra, perguntou-lhe:

— Já viu o castello de Palmella?

— Não. Disseram-me que eram umas ruinas sem importancia.

Não indaguei quem seria o ignorante e estupido que tal dissera, e limitei-me a convidal-o para uma visita ao castello, affiançando-lhe que não seria tempo perdido, e taes instancias empreguei, para desfazer a má impressão causada por aquella in-

O poço e as ruinas da primitiva egreja — Uma rua da villa de Palmella — Ruinas do convento dos frades de S. Thiago — A torre de menagem e a torrela mourisca do castello — Outro aspecto da torre de menagem e das suas dependencias militares — A porta da egreja — O terreiro senhorial do antigo palacio do grão-mestre de S. Thiago

formação, que Jules Cardane, já sem tempo para dispôr, adiou o seu regresso a Paris, de uma quarta-feira para o sabbado seguinte, e dispôz de quinta-feira, dia de Todos os Santos, para acceder ao meu convite.

A impressão que lhe causou aquella visita foi extraordinaria e traduz-se na simplicidade d'estas palavras que ao sahir de Lisboa elle me deixou n'um bilhete de visita:

«Grace à vous nous finissons notre beau voyage pour une promenade ensoleillée et pleine d'attraits.»

Se me referi a este facto foi simplesmente para demonstrar como o castello de Palmella é apreciado por estrangeiros, não só pelo extraordinario ponto de vista que elle occupa, mas ainda como monumento historico, sentindo-se com profunda magua aquelle abandono de reparação que o encaminha para um estado de ruina desoladora e absoluta. E no emtanto com bem pouco se poderia reparar aquella fortaleza, tão proxima de Lisboa, e que representa uma gloriosa herança dos nossos antepassados.

O que é o castello de Palmella, como monumento historico, dil-o a historia da conquista de Portugal aos mouros, aponta-o a espada d'El-Rei D. Affonso Henriques, confirma-o a ordem militar de S. Thiago, ali estabelecida em 5 de maio de 1443, tendo por seu primeiro mestre o infante D. João, filho de D. João I.

A historia da sua construcção perde-se nos tempos mais remotos. Antigos escriptores suppõem que a povoação de Palmella foi fundada pelos celtas e sarrios 310 annos antes de Christo, e que Aulio Cornelio Palma, pretor romano da Lusitania, a ampliou e reedificou 106 annos depois de Christo, dando-lhe o nome de *Palmella*, que quer dizer *Palma-Pequena*, para a differençar de *Palma*, outra cidade por elle fundada na Andaluzia.

No anno de 715 caiu em poder dos arabes como todo o resto da peninsula hispanica. Em 1147 foi tomada aos mouros por D. Affonso Henriques, não sem grande resistencia por parte dos assaltados. Perdida pouco tempo depois, volta a ser conquistada em 1165 ou 1166, para ser saqueada e arrazada em 1191 pelo feroz Miramolim de Marrocos, que invadindo o Algarve, n'uma occasião em que em Portugal passavam tempos de fome e peste, continuou audaz e fortalecido com as suas victorias, pelos povos do Alemtejo, até Palmella, deixando atraz de si o sangue das atrocidades, o brazeiro dos incendios e a ruina das povoações.

Suppõe-se que até 1205 esteve abandonada, e n'esse anno D. Sancho I, mandando reedificar todas as obras de defeza, incluiu n'esse numero a praça de Palmella, que mandou guarnecer com gente brava, escolhida e numerosa, prevenindo qualquer surpreza dos mouros do Algarve.

Dentro do Castello estão as ruinas do mosteiro dos frades de S. Thiago, fundado por D. Affonso Henriques e concluido por D. Sancho I.

No mesmo recinto estão tambem as ruinas da egreja de Santa Maria, antiga matriz da villa.

Depois de 1834 o mosteiro ficou completamente abandonado. Nos seus claustros existiam as cinzas de muitos varões illustres, quer nas armas quer nas lettras, encontrando-se hoje essas sepulturas com as lousas partidas, depois de terem sido profanadas.

Na capella-mór da egreja existem os restos mortaes de D. Diogo de Gouveia, que foi nomeado por D. João III lente de theologia na Universidade de Coimbra. O seu epitaphio é o seguinte:

«Aqui jaz D. Diogo de Gouveia, Prior-mór que foi d'este convento e ordem de S. Thiago, e do conselho de El-Rei D. Sebastião, nosso Senhor. Que primeiro foi embaixador de El-Rei D. João III no concilio de Trento. Falleceu a 2 d'abril de 1576.»

O tumulo do infante D. Jorge d'Alencastre, filho legitimado de D. João II, foi aberto e profanado em 1859, sendo-lhe tirados dentes e bocados de ossos que se diz terem sido guardados alguns como lembrança, por varias pessoas da villa.

Com a extincção das ordens religiosas, este verdadeiro monumento ficou entregue á selvageria do publico, e hoje ainda se encontram os estragos d'essa selvageria na quantidade enorme de azulejos, partidos uns e roubados outros, da sala do refeitorio e das paredes interiores da egreja e outras dependencias.

As edificações estão destelhadas, a nave central da capella está sem tecto, as paredes esburacadas. Na torre, pelas fortissimas muralhas, se vê a devastação, nas pedras que faltam, limitando-se hoje a acção do governo a ter ali um guarda veterano do exercito e um governador official reformado, que não é muito, mas sempre evita a continuação da devastação e da profanação por tantos annos exercida.

O castello de Palmella, não só pela sua historia, mas pela situação que domina, merece todas as attenções do conselho dos monumentos nacionaes e a elle o recommendamos.

HYGINO MENDONÇA.

LICOR VEGETAL

O melhor remedio e purificador de todas as molestias provenientes da impureza do sangue

PREÇO

1 frasco. 1$000 réis
7 frascos 6$000 réis

Para provincia PORTE GRATIS

Todos os pedidos devem ser feitos assim:

PHARMACIA BRAZILEIRA
15, L. de S. Domingos, 15-A
LISBOA

Sedativo BEIRÃO

ANTI-DYSMENORRHEICO

E' o mais adequado e soberano medimento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrhea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dôres reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; nauseas, vomitos, diarrhea, abate a elevação do ventre por accumulação de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O **Sedativo «Beirão»** actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funcções e é muito efficaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. E' indispensavel na amenorrhea accidental em suspensão subita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O **Sedativo Beirão** contém propriedades tonicas, adstringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo brancoutero vaginal (leucorrhea).

O **Sedativo «Beirão»** é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes, diminue a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio da circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e de outras molestias que sobrevêem pela cessação final dos menstruos n'esta mudança da vida da mulher. O **Sedativo» Beirão«** não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

DEPOSITOS AUCTORISADOS:

Em Portugal: Pharmacia Liberal—*Avenida da Liberdade, 167; Lisboa.*

Pharmacia do Padrão — *Rua Formosa, 10, Porto.*

Inglaterra e colonias: Mr. J. Wyman.

Export Druggist. *58 e 59, Bunhill Row London, E. C*

O principio e seguimento das minhas regras menseas foi sempre annunciado e acompanhado de perturbações que constituiam para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perdia os sentidos.

Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.mo sr. dr. Arantes Pereira me prescreveu o Sedativo Beirão Anti-dysmenorrheico, cujo effeitos calmantes se não fizeram esperar.

Tenho repetido o uso d'este agradavel remedio, uma semana em cada mez, e noto com verdadeira surpreza que as regras apparecem agora regularmente e sem dores.

Nem nos remedios caseiros nem das pharmacias jámais consegui um allivio.

Porto, rua de S. Lazaro, 126, em 30 de novembro de 1905.—Escilia Aurelia Fernandes.

(Segue o reconhecimento do tabellião Antonio Borges d'Avellar).

Instructions pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hebraique.

Prix du flacon: huit francs. Franco pour tous les pays de l'Union postale contre mandat de poste adressé à Marciano Beirão. Avenida da Liberdade, 167—Lisbonne.

Bilhetes Postaes illustrados a côres

Raul Peres Leiro, participa que acaba de receber a sua edição de postaes illustrados de **Novo Redondo** e **Benguella,** com vistas, trechos das fazendas, paizagens, margens do rio **N'Gunza,** costumes africanos e mais assumptos de interesse.

Recebem pedidos em Lisboa: Livraria Bertrand, rua Garret, 73; Livraria Ferreira & Oliveira, rua Aurea, 133; Oliveira, Machados & Duarte, rua da Prata, 68 a 74; Malva e Roque, rua do Arsenal, 139.

No Porto: Livraria de Lello & Irmão, rua dos Carmelitas, 134.

Na Africa Occidental: Loanda, Beltrão, Ferreira & Comta; Novo Redondo, Raul Leiro; Benguella, Costa Junior & C.ª; Quimballe, Oliveiras & C.ª; Bihé, Alves Medeiros.

Pedidos para revender a **Raul Leiro** — Novo Redondo

Caixa do correio n.º 8

CASA ESPECIAL DE CAFÉ DO BRAZIL

A. Telles & C.ª

Rua Garrett, 120 (Chiado), LISBOA—Rua Sá da Bandeira, 71, PORTO

TELEPHONE N.º 1:438

Café especial de Minas Geraes (Brazil)

Este delicioso café, cujo aroma e paladar são agradabilissimos, é importado directamente das propriedades e engenhos de **Adriano Telles & C.ª, de Rio Branco, Estado de Minas Geraes** e não contem mistura de especie alguma. **Todo o comprador tem direito a tomar uma chavena de café gratuitamente.**